

Jacob Melo

O LADO POSITIVO DE TUDO

SITUAÇÕES QUE REFLETEM
O DIA A DIA



EDITORA MNÊMIO TÚLIO

O lado positivo de tudo

*(Situações que refletem o dia-a-
dia)*

AGRADECIMENTOS (parte 1)

Incrível como a inércia requisita esforço para ser vencida!

Incrível como estar em movimento pede pouco esforço para seguir vencendo!

Escrever o primeiro livro desta série — *Reflexões de Morenno* — já foi sonho distante, muito distante mesmo. Quem me conhece sabe quanto não tinha estilo para tal. Essa falta de estilo foi minha maior inércia, foi a reclamante de meu maior esforço.

Graças a Deus, e a várias pessoas maravilhosas, junto às quais tenho a ventura de ser um eterno aprendiz, pude superar a inércia da escrita mais sintética — se bem que muito ainda tenho por melhorar, reconheço. Pude desinibir-me para escrever coisas mais amenas, menos técnicas, mais coloquiais, reflexivas acerca do cotidiano.

Depois do “*Reflexões de Morenno*”, o esforço ficou menor... Não por mim apenas, mas por pessoas diversas; pessoas especiais escreveram coisas especiais; pessoas anônimas ditaram casos imorredouros; pessoas próximas conversaram situações riquíssimas; pessoas comuns apresentaram narrativas superiores... Muitas foram e têm sido as contribuições desse universo precioso, formado por criaturas preciosas, que, sem maiores ou qualquer pretensão, seguem ensinando-me a ver e viver melhor, a sentir e aprender mais, a melhorar-me e evoluir progressivamente. Se não literariamente, pelo menos em boa vontade, buscando, em tudo, extrair o mais positivo, o melhor...

Meu agradecimento é a todas essas pessoas, que são, na verdade, o verdadeiro Morenno.

Que Deus os abençoe com fartura de paz e soberbos sentimentos de felicidade.

Jacob Melo
Natal (RN), janeiro/98.

AGRADECIMENTOS (parte 2)

Permitam-me os amigos, mas sinto-me no dever de prestar um agradecimento particular a uma pessoa que só vi (até hoje) uma única vez. Apesar de tão pouco, o exemplo por ele proporcionado foi extremamente valioso. Ei-lo:

EDUCAÇÃO EXEMPLAR

O avião estava quase lotado. Por se tratar de aeronave grande e moderna, havia áreas distintas: primeira classe e classe turística. Na primeira, o espaço e o conforto são maiores, o atendimento de bordo é mais completo e sofisticado e, por conseqüência, o valor da passagem é mais caro.

Com aparente interesse de levar vantagem, um senhor, acompanhado de sua esposa e dois filhos menores, com passagens para a classe turística, ocupou quatro lugares na primeira classe. Virando-se para a esposa, falou baixinho:

— *Quando vierem dizer que não podemos ficar aqui, continue sentada e deixe o resto comigo.*

Dito e feito. Nem ele nem os familiares levantaram-se quando convidados. Alegavam não poder viajar em poltronas separadas — já que na classe turística não mais haviam juntas — e que ninguém os tiraria dali.

A tripulação, com cortesia e educação, tentou, de todos os meios, convencê-los a mudarem de setor, inclusive conseguindo que outros passageiros cedessem seus lugares para acomodá-los juntos. De nada adiantou.

Surgiu, então, o comandante do avião e, dirigindo-se àquela família, assim se pronunciou:

— *Bom dia senhor, bom dia senhora, olá crianças! Sei que está havendo um pequeno problema de assentos, mas, antes de qualquer outra consideração, gostaria que prosseguissem a viagem conosco, sentados aqui na primeira classe, na condição de meus convidados especiais.*

— *Mas o senhor precisa saber que nós só estamos aqui porque temos direito de viajar juntos —* esbravejou o passageiro.

— *Concordo com o senhor, tanto que estou convidando-os a permanecerem aqui nesta cabina, nas poltronas que o senhor mesmo escolheu.*

— *Mas o senhor precisa entender que não estou radicalizando em nada e que...*

— *Não se preocupe em dar-me explicações, senhor! O senhor e sua família são meus convidados e tanto eu como minha tripulação temos muito orgulho por tê-los a bordo. Fiquem tranqüilos e façamos uma boa viagem...*

Inconformado, o passageiro ainda rebateu:

— *Só que isso não vai ficar assim! Quero prestar uma queixa à Companhia Aérea, pois fomos muito mal atendidos a bordo!*

— *Sem dúvida! Esse também é um direito do senhor.*

Retirando-se, o comandante pediu que um comissário levasse ao casal — já que os filhos eram crianças de colo — um bloco de notas e reclamações, envelopes e duas canetas de brindes da Companhia.

Com certeza, eles acreditaram que levaram vantagem. Quiçá contem vantagem até hoje. Mas quem ganhou mesmo foi o comandante. Ele foi sereno, polido, ponderado e sábio. Deu, aos poucos que perceberam o incidente, uma magistral lição de educação. Em vez de acusá-los ou apontar-lhes o erro, optou por dar-lhes valor enquanto pessoas; em vez de dizer que detinha o poder de retirá-los daquele espaço, preferiu usar o poder de convidá-los a ali permanecerem; em vez de alimentar uma discussão infrutífera, decidiu-se por dar um portentoso exemplo de humildade, dignidade, serenidade e equilíbrio.

Com tal comportamento, esse comandante transmitiu-me muito mais segurança. Afinal, quem sabe lidar com pessoas em desequilíbrio sem desequilibrar-se, quem sabe dosar sua razão com um toque de bom senso, quem pondera seu poder pelo exercício da humildade e quem usa de sua autoridade por meio de gentil persuasão, com certeza sabe dominar uma “máquina voadora” com destreza e segurança.

Foi assim que esse comandante conquistou minha admiração e respeito, ensinando-me, na prática, como agir eficientemente quando uma afobação surge. Este o motivo pelo qual faço tanta questão de registrar esse acontecimento neste livro.

Obrigado, comandante Pedro! Deus te abençoe!!!

PREFÁCIO

Antes do “*Reflexões de Morenno*”, de Jacob Melo, sabia-o escritor, mas não tanto filósofo. Agora, com este livro, que segue as pegadas daquele — sob cujo agradável influxo ainda me encontro —, recebi convite do autor para prefaciá-lo.

Li este livro cuidadosamente. Deu-me só alegrias!

Ao término, uma certeza: somente um coração profundamente engajado no amor ao próximo seria capaz de ofertar esta preciosidade literária, emoldurando-a com uma simplicidade conceptual que espanta. E espanta justamente pela façanha vitoriosa de nele espelhar verdades com profundo respeito por todas as correntes do pensamento humano.

Aí, preparei-me para o prefácio, propriamente dito.

Papel e caneta à mão, interrompi o gesto e me perguntei:

— *De que reservatório Jacob Melo — o amigo e irmão em Jesus — teria tirado tanta suavidade? E tanta serenidade? E tantas claridades?!*

“Da alma”, respondeu-me a razão, em ocultos ecos.

Da memória, então, chegou-me algo lido distante no tempo, de autoria do padre e poeta inglês John Donne (1572-1631), quando, num inspirado arroubo filosófico, deu-nos esta pérola: “*A morte de qualquer homem me diminui, porque eu estou envolto no contexto da humanidade; não pergunte por quem os sinos dobram, eles dobram por você*”.

Parafraseando-o, sei que sem desculpa, mas por incapacidade pessoal, diria: “*A vida de qualquer homem envolto no contexto da caridade, quais os sinos dobram para todos, devotos ou não, engrandece a humanidade e glorifica a Deus; não me pergunte para quem é este livro: é para todos nós*”.

Para melhor sentir as belezas universais da vida, aqui extraídas de fugidios momentos que todos vivenciamos, o leitor terá que pedir emprestado, ao coração, olhos para captar as paisagens que só sentimentos puros ofertam.

Porque este livro é todo ele de lindas pinturas do dia-a-dia, delas sendo extraídas esplendorosas proposições, não daquelas que trazem o conselho como produto acabado, mas sim das que nos arremetem a buscas e perquirições íntimas, possibilitando o encontro de respostas intensamente pessoais.

Deixa-nos, o *autor-pintor* destas telas alcandoradas, a tarefa de concluir cada quadro — página a página —, matizando-o ao gosto do nosso espírito.

Aos jovens, marcará fundo a amostra de como a vida proporciona encontros e desencontros, segundo administramos.

Aos adultos, os exemplos de procedimentos diversificados, e suas conseqüências, propiciarão excelentes oportunidades para um balanço comportamental.

Aos idosos, muitas serão as narrativas que, acariciadas pela saudade, lhes farão reviver emoções, momentos e dias de amores santos, que o passado armazenou e que lágrimas, talvez, hoje regarão de lembranças, felizes, com certeza.

Aprendemos, a cada página, algumas com fatos de curtíssima leitura, a mágica sublime de transformar tristezas, angústias, remorsos e também momentos felizes — todos eles — em aprendizado de vida.

Nenhuma condenação! Só alento!

Jesus, o Mestre inolvidável, transformou água em vinho, nas Bodas de Caná. Guardadas as proporções, temos aqui Jacob transformando acontecimentos comezinhos em narrações de fulgurante moral evangélica.

Não se diga que este livro é espírita.

Também não se afirme que não o é.

É, sim, na verdade, qual farol que jamais pergunta aos navegantes de que bandeira são seus barcos, isto é, nele, o leitor, de crença que seja, principalmente quando a noite esteja a visitar-lhe a alma, encontrará providencial luz indicando onde os abrolhos, onde os arrecifes, onde a rota feliz.

Benditos sejam, todos os faróis!

Faço uma prece:

— *Senhor: como poderia eu, sem Seu jamais negado Amor Paternal, dizer as coisas bonitas que esta obra merece, pelas gotas de luz que de cada página pingam?*

Novamente ouço ecos na alma:

“Por que não dizer apenas que este livro foi escrito pelo coração de um homem bom?”

Eurípedes Kühl

Ribeirão Preto/SP, Dezembro/1996

INTRODUÇÃO

Muitas vezes estamos nos bancos escolares com uma visão distorcida do futuro. Estudamos porque nos obrigam, por dizerem que faz bem ou por esperarmos alcançar determinados objetivos.

Poucas vezes nos apercebemos do quão bom é o estudar, mesmo quando estudar possa não parecer dos mais divertidos momentos. Essa falta de percepção, inclusive, deve ser responsável por muitos não gostarem do estudo.

Como a larga maioria das criaturas, também não fui dos maiores apreciadores do estudo, apesar de sempre me ter saído bem nos cursos que fiz e até ter conseguido concluir o nível superior. Porém, essa relação de pouca intimidade com o estudar pesa-me muito ainda hoje.

Quando procuro entender certas regras gramaticais — que insisto em desrespeitar, por simples ignorância —, quando necessito fundamentar argumentos em aspectos históricos ou geográficos, quando busco mergulhar em questões anatômicas e genéticas, sinto o quanto poderia ter aproveitado melhor os tempos idos...

Mas, sempre é tempo de estudar e aprender.

As escolas, os professores acadêmicos e os livros ensinam de uma forma incontestavelmente eficiente, mas a observação, a atenção, o raciocínio, o hábito da leitura e a própria vivência são outros tantos valiosos caminhos de aprendizagem, que tornam o estudar um prazeroso método de aprendizagem e bem viver.

Nas anotações e reflexões que trazemos neste volume, apresentamos o fruto de parte do aprendizado que tivemos junto a muitos amigos, os quais não param nunca de funcionar como mestres em minha vida.

Tenho aprendido muito mais do que escrevo e tenho escrito muito menos do que tenho assimilado dos benefícios oriundos desse escrever. E isso devo a pessoas que, como você, me estimulam no aprendizado e na transmissão do que aprendo.

Devo confessar que muito pouco este livro tem de meu. Ele é muito mais seu do que meu. A prova disso você só poderá tirar se o ler.

E como este livro é tão seu, peço-lhe: deixe a timidez de lado e divulgue-o. O produto de sua venda continua sendo revertido em benefício de quem necessita mais do que eu e você. Este livro ajuda na composição dos recursos do **Kit Profissão**, um projeto de valorização do ser humano.

Apenas para explicar rapidamente, o Kit Profissão é uma campanha desenvolvida pelo GEAK – Grupo Espírita Allan Kardec, de Natal/RN (obs. Esta campanha já não existe mais), em que equipamentos básicos para profissões autônomas são distribuídos para pessoas carentes, com o intuito de que essas

profissões sejam exercidas com dignidade, tirando pais e mães de família, bem como filhos menores da condição de pedintes e carentes.

Com este livro, portanto, além de trocarmos experiências, ainda ajudamos muita gente a viver melhor.

Assim, que tal agora trocarmos experiências? Leia este livro e descubra quantas coisas simples podem ser grandiosas.

Receba meu abraço e votos de boas reflexões!

1- VERDADEIRO CRESCIMENTO

Quando jovem, não gostava muito de saber de coisas tipo: contemplar a Natureza; orar com freqüência; descobrir belezas no chamado mundo interior; acreditar muito em destino, santos, Jesus...

Por força de obrigações escolares, tive que prestar atenção a jornais e noticiários. Lendo, percebi que grandes vultos contemporâneos, em suas mocidades, tinham agido igual eu agia. Isso me deixava muito feliz!

Com essa percepção, quando alguém criticava meu comportamento, logo perguntava o que a pessoa achava dessa ou daquela personagem. E me deleitava por dizer-lhe que ele tinha sido semelhante a mim...

Até o dia em que alguém, respondendo minha indagação, colocou:

— *Não será por que você só está vendo e ouvindo o que lhe interessa? Ontem mesmo li que essa pessoa, de quem você falou, disse que se tivesse agido diferente deste moço, a vida para ela seria outra, seria muito melhor...*

Saí cabisbaixo. De fato, aquilo era verdade.

Comecei a prestar mais atenção em gente famosa. Notei, então, que a maioria delas, de uma certa forma, lamentava não ter mudado suas atitudes mais cedo. Dessas, grande parte hoje valoriza mais a Natureza, ora com regularidade, dá mais atenção à realidade íntima das criaturas e tem fê em algum Espírito de grande estatura moral.

Percebendo isso e mudando meus hábitos, paulatinamente, comecei a crescer de forma verdadeira...

Aprendemos estudando, lendo, freqüentando aulas e observando, mas só demonstramos o saber quando o aplicamos no dia-a-dia.

2- TEMOS, MAS...

Todos temos um Anjo de Guarda, um Espírito Protetor, um Guia, mas é muito comum nos prendermos à idéia de um “capeta” ou obsessão ao nosso lado...

Todos temos quem nos queira bem, porém é muito comum ficarmos mentalmente presos àqueles que nos magoam, àqueles que nos querem mal...

Todos temos oportunidades de aprendizagem — ouvindo, estudando, lendo ou refletindo —, todavia é muito comum nos limitarmos ao “ouvi dizer”, ao “na minha opinião”...

Todos temos direito de falar diretamente com Deus, e inclusive sabemos como fazê-lo, entretanto é muito comum estarmos apenas repetindo orações alheias ou nos confiando mais nas preces dos outros que nas nossas...

Todos temos certeza de que os valores materiais não são os mais corretos, mas é muito comum ficarmos atribuindo a coisas materiais valores que são divinos...

Possui aquele que usa com sabedoria e não quem guarda com usura.

3- PREGO FORA DO TACHO

Numa palestra sobre a fraternidade, passei a comparar as pessoas que querem se isolar do mundo, vivendo emburradas, como “*pregos fora do tacho*”.

Observe: quando os pregos saem das guilhotinas que os produzem, saem arranhentos e cheios de rebarbas. Para ficarem polidos, são jogados num grande tacho que, em movimento mecânico, promove o atrito entre eles, saindo polidos ao final. Os que caem do tacho continuam defeituosos. Mas de pouco adiantará tal “estado de fuga”. Logo os “fujões” serão recolhidos e recolocados numa nova rodada dentro do tacho, de modo que todos se “purifiquem”.

Não somos pregos, mas a vida em família e em sociedade é verdadeiro tacho, onde encontramos oportunidades valiosas para, junto com nossos semelhantes, tirarmos nossas arestas e defeitos. Ali, vamos nos “arranhando” uns nos outros, até ficarmos mais polidos, menos melindrosos.

Todavia, tem quem pense em ficar fora do tacho. Isso, entretanto, será apenas uma questão de tempo, pois sempre teremos que nos aperfeiçoar. E muitas vezes, por fugirmos do tacho da convivência, seremos “catados” pela dor e pelo sofrimento, que nos arremeterão de volta ao processo de “polimento”.

Se a sós aprendemos, é com as companhias que testamos o aprendizado.

4- QUANDO SE ANALISA

Sempre que chegava para as reuniões, ele ali já se encontrava, sentado à mesa.

Intrigava-me o fato de ele sempre chegar cedo, de ser o último a sair e sua maneira desleixada de sentar-se.

Embora as duas primeiras situações causassem boa impressão, a última inquietava-me sobremaneira, ao ponto de viver brigando mentalmente contra aquilo.

Para dirimir qualquer dúvida, resolvi ficar até a hora de ele ir embora para, à saída, puxar uma conversa.

Que surpresa! Ele era portador de uma violenta e deformante paralisia dos membros inferiores, a qual lhe impunha aquela maneira de sentar-se.

Quando nos prendemos muito às aparências, perdemos a essência.

5- O JULGAMENTO

Tendo trocado de comércio seis vezes, já pensava “*partir para outra*”.

Conversamos:

— *É que todas as vezes que monto um novo negócio, outros me imitam e terminam estragando o ramo...*

— *E onde é que você se inspira para escolher um novo comércio?* — perguntei.

— *Vendo em que os outros estão obtendo maiores lucros!*

— *E não é isso mesmo que você está reclamando dos outros?*

Julgar normalmente nos faz esquecer as próprias falhas, ainda que elas sejam semelhantes às que julgamos — e condenamos — nos outros. Convenhamos, Jesus estava certo: é preciso, antes, tirar a trave do olho....

6- OS MEIOS E O FIM

Primeiro ela sugava-me as energias, até que envelheceu e morreu. Quando morreu, foi incinerada ali mesmo, fazendo-me arder com suas labaredas. De tanto calor, derreti-me, ficando transparente e homogêneo. Já me sentia feliz com aquela nova situação e, por que não dizer, até agradecido por tudo quanto houvera passado, quando alguém, tomando-me em suas mãos, submeteu-me a cortes, lixaduras, polimentos e, como se não bastasse, despeja sobre minha superfície uma camada de banho químico. Como ardia tudo aquilo. Cheguei a pensar que seria meu fim. Qual não foi minha surpresa quando, emoldurando-me, fui transformado num espelho de adorno de um grande salão, onde famílias reais e pessoas comuns me olhavam com satisfação.

Hoje, ainda refletindo as belezas e os encantos das pessoas, quase não me lembro de que tudo começou quando, ainda areia, me sentia sugado pela árvore. Que bom foi ter-me submetido às intempéries...

Vitórias são conquistas do esforço, da dedicação e, sobretudo, da perseverança.

7- VIDA CONJUGAL - I

— *Mestre! Que devo dizer à minha esposa para ela melhorar seu tratamento para comigo?*

— *Diga-lhe que quem ama trata bem o ser amado.*

— *Mas eu já disse isso para ela e seu comportamento não mudou nada!*

— *Então mude você. Demonstre-lhe na prática que isso que você diz é verdadeiro.*

Quem ama agradece ao amor amando.

8- VIDA CONJUGAL - II

— *Amigo! Vim pedir-lhe para ir até minha casa conversar com meu marido para ver se ele melhora um pouco.*

— *E por que você acredita que conseguirei isso?*

— *Porque o senhor vive bem casado e sabe demonstrar isso a todos.*

Quando se vive o que se diz, faz-se melhor o que se vive. Aí reside a força do convencimento.

9- FAZER AOS OUTROS - I

Todo adulto já foi adolescente, mas parece que não gosta ou não quer lembrar as experiências vividas à época...

— Como era bom falar, ter opinião e os adultos nos devotarem alguma atenção...

— Como soava agradável um adulto falar conosco no nosso linguajar peculiar...

— Como nos dava prazer uma pessoa mais idosa ou mais experiente nos aceitar em sua turma...

— Como fazia bem ser reconhecido por sermos quem éramos e não por ser “parente de”...

— Como caía bem a frase: *“Apesar de jovem é muito inteligente e faz as coisas caprichadas”*...

Afinal, se isso era tão bom, por que não o praticamos com os mais jovens de hoje?!

Se uma prece nos proporciona paz e harmonia, por que será que oramos tão pouco e com tão pouca fé?

10- FAZER AOS OUTROS - II

Se não estava remendado, tampouco estava bem vestido. Entrou numa fina loja e teve dificuldade de ser atendido. Insistiu com três vendedores e não obteve sucesso. Já ia saindo quando uma pessoa do escritório veio e deu-lhe toda a atenção.

Depois de examinar vários artigos, fez uma grande compra, pagando tudo à vista.

Naquele dia, ao final do expediente, os vendedores foram convocados para uma reunião com o proprietário:

— *Sabem por que fui atender aquele cliente mal vestido?* — foi sua pergunta principal.

Ante o silêncio estabelecido, ele respondeu, concluindo:

— *Por três motivos. Primeiro porque vocês confundiram a pessoa pela aparência; segundo porque ele se mostrava interessado em ser atendido, pelo que merecia nossa melhor atenção, afinal é para isso que estamos trabalhando; e terceiro porque também já fui mal atendido numa determinada loja e sei o quanto me foi desagradável e que má impressão guardo daquela loja até hoje.*

Desempenhar bem uma função é fazer mais do que se espera de nós. Quem assim não age não pode reclamar da sorte.

11- SONHANDO COM JESUS

Andava triste e decepcionado. Acusaram-me, indevidamente, sem que tivesse qualquer ensejo para defesa.

Abatido com aquilo tudo, sem ter conseguido dormir, orei pedindo inspiração.

Tendo adormecido, sonhei que me encontrava com Jesus. Aproveitei a oportunidade e contei-Lhe tudo o que acontecera. Ele me ouvia com tranqüilidade. Terminada a narrativa, continuava a olhar-me firme e tranqüilamente, sem pronunciar palavra. Meio receoso, baixei a vista e perguntei-Lhe:

— *O Senhor não acha tudo isso demais? O que o Senhor faria em meu lugar?*

Como o silêncio permanecia, levantei os olhos e vi-O preso à cruz. E por Seu olhar profundo, acompanhado de Seu silêncio que calava fundo, entendi toda a profundidade de Sua resposta.

Tempos passados, ouvindo alguém se referir ao valor da mensagem cristã, recorri àquele sonho inesquecível. Pude reanalisar tudo o que tinha acontecido, agora com a visão do futuro que se transformara no presente, e compreendi que para escandalizar, os gritos e os arroubos de violência são personagens ativas, mas para se fazerem ouvir pela eternidade, o silêncio e a resignação, calcados na visão dos objetivos maiores, são os tenores e barítonos do grande recital chamado Vida.

Jesus está sempre conosco e por nós; nós é que nem sempre estamos com Ele nem por Ele.

12- ILUSÃO

Contou-me um amigo o seguinte fato:

“Uma jovem, apesar de bonita e saudável, procurou-me entristecida. Ainda trazia nos olhos a vermelhidão provocada pelo rolar das lágrimas. Depois de sentida saudação, disse:

— Estou triste assim porque me desiludi com meu noivo...

“Esbocei leve sorriso, o que a deixou indignada:

— E você ainda fica sorrindo de mim?!

— E você preferiria viver iludida?!”

Quando nos prendemos à dor da decepção estamos valorizando mais o desagradável que o bom e o bem.

13- ATÉ QUE SENTI EM MIM

Ah! Como eu gostava de provocar os outros...

Passar um giz arranhando no quadro, só para ouvir gritos agudos de agonia; chupar limão ou tamarindo à frente de músicos de instrumentos de sopro, para vê-los salivar e não poderem mais tocar; mastigar gelo e estalar dedos, apenas para alguém dizer: “*Pare com isso!*”; ficar olhando fixamente nos olhos de alguma pessoa até não poder mais...

Com o tempo, descobri que isso me trazia sérios prejuízos de relacionamento. Mas só entendi a extensão do que fazia quando um dia, observando um jovem fazendo malabarismos para ficar equilibrado num muro alto, de onde uma queda seria fatal, pedi, aflito, que ele descesse e, ao contrário, ele sorria e oscilava mais ainda, em total desrespeito à fobia e ao mal estar que eu sentia.

Depois daquilo, ficou no ar uma indagação:

— *Por que será que só avaliamos corretamente certas coisas depois que lhes sofrermos as conseqüências?*

Quem só aprende na marra também pode chegar lá... Mas será sempre um sacrifício!!!

14- TROCANDO AS BOLAS - I

Há uma história engraçada que dá uma idéia de como as coisas podem ser complicadas, especialmente quando não fica bem distinto aos interlocutores a sinonímia usada.

Conta-se que um pai passeava com o filho, quando este viu um pé de ameixas azuis. Curioso, perguntou:

— *Pai, que frutas são aquelas?*

— *São ameixas azuis, filho.*

— *E por que elas estão vermelhas?*

— *Porque ainda estão verdes!*

Uma situação como essa nos ensina que devemos ter “bons ouvidos” a fim de, impressionados pela aparência do sentido imediato das palavras, não fazermos julgamentos equivocados, tirarmos deduções precipitadas ou ficarmos sem entender as coisas.

Quando ensinar, tenha em mente que o aluno não tem, ainda, seu nível de conhecimentos. Isto é óbvio, mas há muitos instrutores que tratam seus alunos como pares, quase sempre os humilhando.

15- TROCANDO AS BOLAS - II

Tive oportunidade de sair para almoçar com um amigo, num horário em que a fome já estava no seu limite máximo. A propósito do caso anterior, no restaurante ouvimos dele uma expressão que provocou-me boas risadas. Foi a seguinte:

Quando o garçom trouxe os pratos, ele olhou apetitosamente para a refeição e disse:

— *Pelo cheiro, já estou vendo o gosto deste almoço! Que sonho!*

Passadas as gargalhadas, ficamos refletindo sobre como um caso desses poderia servir para ilustrar alguma coisa séria. Não encontramos, mas achamos tão engraçado o fato de o “odor” permitir que se “veja” um “sabor”, a ponto de transformar tudo isso num “sonho”, que preferimos deixar essa reflexão registrada, mesmo que sem nenhuma reflexão.

Se for para fazer o bem, tanto vale um sorriso quanto uma lágrima.

16- O QUÊ E O QUEM FEZ

Certa feita, escrevi um artigo encabeçando-o com uma frase de alto valor ético e moral.

Uma pessoa “muito religiosa”, segundo sua própria definição, procurou-me para saber quem tinha elaborado tão significativo “pensamento”.

Só então percebi que, por falha de impressão, o nome do autor fora omitido. Rapidamente declinei seu nome e, para espanto meu, aquela pessoa fechou o rosto antes sorridente e disse:

— *Pensei que fosse coisa melhor! Esses esoteristas só sabem escrever e nada mais...*

Pelo visto, nem sempre as pessoas julgam as coisas pelo valor em si e sim pelos agregados que se lhes são imputados.

Será que, em essência, uma coisa boa deixa de sê-lo, pelo simples fato de ser criação de quem não gostamos?

17- O QUE É CERTO

Chegou de mansinho e começou a falar:

— *Morenno, tudo que fiz, mesmo aquilo que hoje eu sei, foi errado; sempre o fiz por ter certeza de que era o certo. Quando havia dúvidas sobre o que iria fazer, perguntava a certa pessoa, que respeito muito até hoje, e ela me dizia que eu estava certo nessa ou naquela posição. Se não dava certo, ela dizia que o certo também se aprende pelo errado, e voltava a dizer que eu estava certo. Hoje, Morenno, vejo que algumas coisas estavam de fato erradas. O que você me diz?*

— *Digo que você está certo.*

— *Sim, mas o que devo fazer agora?*

— *Faça o que é certo.*

— *E o que é o certo?*

— *É fazer aquilo que não agrida a sua consciência.*

— *E como vou reconhecer isso, se minha consciência por vezes avaliza coisas que depois condena?*

— *Examine antes se o que sua consciência recomenda, igualmente não agride a consciência alheia nem contraria a Grande Consciência.*

Empresas fazem balanços periódicos. Se dão lucros, prosseguem; se dão prejuízos, buscam os motivos para corrigi-los. E você? De quanto em quanto tempo faz o balanço de sua vida? E que providências toma depois?

18- ANALOGIA E IGUALDADE

Observando uma costureira trabalhar, fiquei pensando:

— *Interessante! Para o tecido virar roupa, primeiro sofre cortes e recortes; depois vai espetado pela agulha que lhe fixará as linhas e aviamentos. Assim parece ser a vida humana; para ter valor de uso, sofre podas numa fase inicial e umas tantas agulhadas depois...*

Acreditei nesse raciocínio e passei a esperar pelas alfinetadas. Na verdade, muitas coisas assim foram aprendidas; outro tanto, porém, aprendi sem necessidades de podas ou ferimentos.

Por mais óbvio que seja, pouca coisa foi tão interessante em minha vida quanto à descoberta de que não sou tecido nem confecção; sou gente mesmo. Por isso, não é necessário estar sujeito a tantos cortes e alfinetadas para poder aprender e apresentar-me bem, apesar das dores da vida...

Dor e sofrimento são instrumentos da justiça, acionados apenas quando o amor falha em seus objetivos.

19- SAUDADE LEMBRA O BOM

Fazia tempo, aquela amiga não comparecia aos trabalhos voluntários. Quando a vi entrar, abracei-a com alegria e comentei:

— *Como você está bem! Parece que te fez bem esta longa ausência dos trabalhos...*

— *Você está brincando! Vim aqui hoje porque estava morrendo de saudade...*

— *Isso confirma o que disse.*

— *Como assim?!*

— *Enquanto você estava aqui, não imaginava como era bom nosso ambiente. Se está tão radiante agora é porque a distância a fez ver o melhor das coisas...*

É muito bom rever e abraçar amigos, mas é melhor ainda quando podemos expressar abertamente nossa emoção e saudade...

O material afasta muita gente do espiritual, mas a necessidade de uma felicidade verdadeira traz de volta o iludido.

20- PRECONCEITO

Apesar de ser farto nos abraços, com aquele senhor meu comportamento era refratário. Talvez sua expressão sisuda me inibisse. Foi quando um amigo me procurou e comentou:

— *Você é tão animado com tanta gente, mas com aquele nosso amigo você é tão distante. Existe algum motivo?*

Surpreso com a pergunta, pois pensava que ninguém notasse, respondi sem convencimento:

— *Não sei!...*

— *Pense direito, pois ele também está preocupado com essa sua atitude...*

— *É verdade?*

— *É! Ele acha que você tem preconceitos contra ele.*

— *Obrigado, amigo, vou corrigir-me.*

Depois dessa conversa, na primeira oportunidade, dirigi-me a ele com atenção e carinho, abraçando-o, fraternalmente, com muito respeito. Segredei em seu ouvido a alegria de revê-lo e pedi-lhe desculpas por nunca tê-lo abraçado antes.

Seu sorriso foi tão belo e seu abraço tão aconchegante que não mais deixei de ser efusivo com as pessoas.

Nessa experiência aprendi que preconceito não existe apenas em relação à cor, raça, religião, preferências ou posição social. Existe também sob muitas outras formas... O mais triste, porém, é que nenhuma delas dá qualquer resultado positivo.

É preconceituoso quem não tem bons conceitos.

21- O PREÇO DA LIÇÃO

Se havia uma coisa que definitivamente eu não gostava era de tomar chá.

Quando comecei a viajar pelo mundo, descobri que, em muitos lugares, o hábito do chá é cultivado e apreciado. Assim, fui convidado inúmeras vezes a tomá-lo.

De início recusei, quase sem perceber que causava um certo mal-estar aos anfitriões. Depois, por mais que me esforçasse por gostar, só conseguia bebê-lo por educação. Até o dia em que fiquei ilhado numa cidade atingida por violenta nevasca. Oh! Que frio terrível! Que noite triste! Quanta angústia!

Em meio àquilo tudo, um companheiro de viagem conseguiu fazer um fogo, aqueceu um pouco d'água e serviu-nos um pouco de chá. Confesso: foi a melhor coisa da vida!

Quando não fazemos todo o esforço para superar situações que classificamos de difíceis, a vida pode-nos levar a crises que funcionarão tal como primorosas mestras.

22- A FÉ CURA DOIS

Na cidade havia um curandeiro apontado como charlatão. Pesava contra ele sérias acusações.

Havia também um homem possuidor de muita fé.

Este adoeceu e resolveu procurar o curandeiro.

Várias pessoas tentaram dissuadi-lo, mas nada nem ninguém conseguiu demovê-lo.

Chegando à casa do curandeiro, foi por ele recebido, sob forte espanto:

— *Como pode o senhor vir buscar meu auxílio? O amigo não é possuidor de tanta fé? Como não buscou o auxílio direto dos Céus?*

— *Mas é isto que estou fazendo. És a resposta que os Céus me enviaram...*

Emocionado, o curandeiro começou suas orações. Impondo as mãos e gesticulando ritmicamente, foi envolvendo o paciente em boas e suaves vibrações de harmonia. Ao final, quando o paciente ia agradecer por tudo ali recebido, o curandeiro, com os olhos umedecidos por emocionadas lágrimas, antecipou-se:

— *Amigo, tua fé me curou! O que lhe fiz foi tão agradável à minha alma que não mais forjarei nem enganarei ninguém. Muito obrigado!*

Quando a fé é verdadeira ela tem o poder de curar em duas vias.

23- O EXERCÍCIO DO AMOR

Decepcionada, resolveu não mais se ligar a pessoas, preferindo os animais.

Tomada a decisão, adquiriu um cachorro. Rapidamente, começou a amá-lo muito! Mas quando, andando apressada, pisou-lhe a cauda, foi imediatamente agredida com uma mordida. Desde então, não quis mais saber de cachorro.

Veio um gato. Peludo, manhoso e quieto. Apaixonou-se por ele! Só que, brincando, o gato passou as unhas sobre suas meias novas, estragando-as. Foi o suficiente: não queria mais saber de gatos.

Escolheu um pássaro. Foi amor à primeira “música”! Não tinha passado quatro dias, quando a ave engasgou-se com uma palha de alpiste, ficando impossibilitada de “cantar”. Acabou a paixão.

— *Os animais são muito ingratos!* — assim pensava ela.

Magoada, resolveu, então, amar as plantas. Com os vegetais deu-se novamente o mesmo. Uma flor murchou antes do tempo; numa roseira espetou-se nos espinhos; numa árvore instalou-se violento fungo; e no pomar verdejante não aconteceu nenhuma colheita.

— *O mundo não presta!* — esbravejava. *Vou viver só, sem apego a nada nem a ninguém!*

Como não tinha o que fazer, ficava olhando o movimento da rua. Começou a ver pessoas abandonadas, carentes, solitárias, necessitadas, enfim. Sem esperar nada delas, iniciou por dar-lhes pão, sopa, agasalho e café quente; depois passou a dar também conversa e companhia; por fim deu-se por inteira, descobrindo que o amor não é um exercício de receber nem um comércio de trocas e sim o ato de doar-se, sem fixar condições de interesses menores que o do próprio sentimento.

“Se só amardes os que vos amam, que fareis mais que os pagãos?” — Jesus

24- TÃO FÁCIL...

Tudo começou quando vi um bom violonista executar o “Bolero” de Ravel; achei aquilo bonito e fácil. Chegando a casa, pedi um violão emprestado e tentei tocar qualquer coisa. Foi um desastre: não “saiu” nada.

Noutra oportunidade, fiquei admirado vendo um caminhoneiro passar as cordas sobre a carga do caminhão e dar nós tão seguros. Depois de certo tempo, resolvi ajudá-lo, pois era tudo tão fácil... Resultado: atrapalhei o serviço e ainda machuquei a mão.

Num outro dia, fiquei olhando uma senhora bordando sobre uma peça já desenhada. Com certeza aquilo era fácil! Pedi para fazer um pouco e, mal comecei, rasguei o pano e furei um dedo...

— *Nem tudo que parece fácil é tão simples quanto imaginamos!* — assim pensei.

Tempos depois, acabara de escrever um desprezioso livro de poesias, o qual fora editado há pouco.

Não imagina o quanto fiquei surpreso quando soube que um músico famoso havia gostado tanto do livro, que compusera uma música com uma das “letras” da obra.

Mais surpreso ainda fiquei quando um motorista quis conhecer-me pessoalmente, pois tinha “gamado” na letra daquela música.

Estarreci-me mesmo quando uma senhora enviou-me, pelo correio, uma linda peça bordada, ornamentada com o título do livro que ela “amara”.

Conversando com cada um deles, sorri: os três achavam difícil escrever...

Fazer o que se gosta ou gostar do que se faz: eis aí uma regra geradora de sucessos.

25- DE ONDE RECORDAVA?!

Era como se já tivesse passado por ali, como se tivesse estagiado naquele lugar. Até mesmo as pessoas — e sua língua estranha — projetavam-me a reminiscências que desconhecia, embora não fossem nada estranhas. Estava vivendo uma primeira vez algo que não excedia a uma revivescência...

Passei muito tempo aturdido com aquilo, por vezes emocionando-me, por outras inquietando-me. Gostaria de conversar acerca daquela experiência, mas temia pelas confirmações que, com certeza, iriam eclodir. Era tudo como um lusco-fusco na consciência...

Foram anos atravessados com aquele conjunto de sensações e emoções represado.

Quando me dispus a entendê-lo, ouvi falar de várias coisas: “projeção astral”, “desdobramento da personalidade”, “viagens oníricas”, “déjà-vu” e muitas outras coisas. Só a idéia da reencarnação, entretanto, conseguiu aquietar-me, pois somente quem já teve a oportunidade de viver certas emoções num passado pode sentir aquilo tudo que sentia...

Se nascer é fruto da bondade Divina, renascer é a demonstração da perenidade de Sua solicitude.

26- SERÁ ATEÍSMO?

Dizia-se ateu, materialista, agnóstico. Seu comportamento, entretanto, demonstrava tratar-se de uma criatura especial: educada, fina, atenciosa e sobremaneira prestativa. Não alimentava rancor, malquerença ou mágoas, nem usava falar mal de outrem ou desdenhar da infelicidade alheia. Isso o marcava tanto que ninguém conseguia abordá-lo em tom de proselitismo religioso.

Foi ele quem me ensinou a rezar. Estranho, não?!

Certa tarde, fiquei observando-o trabalhar. Como era fantástico seu poder de concentração! De repente, vi-o franzir a testa, como quem não consegue solucionar um problema. Ato contínuo, soltou a ferramenta, fechou os olhos e, quase genuflexo, relaxou. Não se passaram mais que dois minutos para que ele, abrindo os olhos, sorrisse com tranqüilidade, retomasse os instrumentos de trabalho e completasse o serviço.

Minha pergunta foi inevitável:

— *Que fizeste? Rezavas?!*

— *Não, não foi bem isso... Apenas pensei na dificuldade e comecei a analisar a ferramenta, mentalmente. Depois, conversei com quem a inventou...*

— *Como assim?! —* perguntei espantado.

— *Acredito que tudo que fazemos fica impregnado de nós mesmos; portanto, na ferramenta está impregnado seu inventor, seu fabricante. Como ele usou de argúcia, esforço, tempo e dedicação para dar-lhe boa utilidade, busquei ali encontrar essa parte, e ali estava. Quando a encontrei, junto veio a solução do problema. Entendeu?!*

É claro que entendi, tanto que a partir dali aprendi a rezar com mais segurança. Afinal, como em tudo “há a mão de Deus”, quando algo fica complicado, busco sintonia com Ele.

Mas acredito que foi ele quem não me entendeu quando respondi:

— *Claro! Inclusive essa tua atitude é uma das formas de conversar com Deus.*

Penso que ele não entendeu porque, ouvindo isso, quase gritou:

— *Quer dizer que Deus é um torneiro?!*

Religiosidade não é participar de cultos; é viver religiosamente.

27- MORATÓRIA

O automóvel era novo, logo, os pneus eram novos, motivo pelo qual nada recomendava aquela providência. Sem saber sequer avaliar o porquê daquela decisão, resolveu mandar colocar dois pneus novos na dianteira. A rigor, decisão sem sentido, até porque a situação financeira do momento recomendava parcimônia no gastar.

Quando o carro voltou da oficina, a surpresa:

— *O senhor tem muita sorte; um dos pneus que foi trocado estava literalmente cortado pelos dois lados, correndo o risco de estourar a qualquer momento. E o senhor que “anda” ligeiro e amanhã fará viagem longa... Não quero nem pensar...*

A princípio, não foi dada muita importância. No dia seguinte, na hora de uma ultrapassagem mais difícil, ecoou na mente aquelas sábias palavras:

— *O senhor tem muita sorte... E o senhor que “anda” ligeiro e amanhã fará viagem longa... Não quero nem pensar...*

Pronunciada uma sentida e contrita oração, lágrimas transpuseram as barragens das pálpebras, enquanto uma voz interior alertava com bondade e firmeza:

— *Não se recebe uma moratória sem motivos justos; para alguns, méritos do passado, para outros, renovação de “contrato” visando disposições de evolução. Aproveita o tempo, pois ele só tem valor creditício para quem com ele colabora.*

O valor do presente ganho está na qualidade do uso que lhe dermos.

28- SEGUNDAS INTENÇÕES

Mais uma vez ele chegava para estacionar e quando se aproximava para manobrar e ocupar o último lugar vago, um outro motorista adianta-se e faz menção de tomar-lhe a frente. Com a tranqüilidade que o caracterizava, acenou com a cabeça, cedendo a vez. Já ia sair para procurar outro estacionamento quando, à sombra de uma árvore, um outro motorista vai saindo, o que lhe proporciona uma vaga das melhores.

Quando desceu do carro, um flanelinha (no Nordeste, chamado “pastorador”) comentou:

— *Engraçado! O senhor sempre cede a vez para os outros e logo em seguida lhe surge uma vaga muito melhor...*

— *É que quem ajuda sempre é ajudado...*

Duas semanas depois, inclusive já tendo acontecido mais duas vezes idêntica situação naquele mesmo estacionamento, o pastorador provoca-lhe mais uma prosa:

— *E aí, senhor! Já aconteceu mais duas vezes com o senhor e continua dando certo no final, não é?!*

— *É por conta daquela regrinha que lhe falei...*

— *Mas como é que eu a ensinei para uma outra pessoa e não funcionou?*

— *É que a ajuda que dá retorno imediato é aquela que se pratica sem segundas intenções...*

Quando o coração está cheio de bons sentimentos não sobra espaço para o mal.

29- A ÁGUA QUE DESSEDENTA

O sol estava alto. O mormaço seco fazia surgir miragens na estrada. O calor era causticante e o pouco vento que soprava era quente, só se prestando para fazer subir poeira...

Sentada à janela, D. Silvestre ainda sorria, embalada por lembranças do inverno.

Chega um homem e pede-lhe um copo d'água. Com atenção o atende. Em seguida acerca-se um jovem suarento e faz-lhe o mesmo pedido. Cheia de bondade o acode. Depois é uma menina quem lhe pede água. Seu prazer em servir vai deixando-a mais vistosa ainda. E assim passou-se aquela tarde: muitos pedindo água e ela, sempre sorridente e afável, atendendo todos.

À noite, enquanto orava para dormir, lembrou todo aquele cortejo de sedentos. Sentiu-se feliz por atendê-los, mas logo depois feriu-lhe uma pontinha de tristeza

— *É muito bom atender os sedentos, mas seria necessário eles se humilharem para pedir?* — questionou-se.

No dia seguinte, providenciou uma jarra de pé, colocou-a à porta da casa e a todos que passavam ela oferecia água.

Para atingir-se a santidade não existem caminhos únicos; importa é seguir o caminho do bem.

30- SUICÍDIO É EGOÍSMO

— *Não tem conversa! Vou-me matar!...*

Era uma situação crítica, pois não havia muito tempo para conversa. Mas como agir, se o suicida estava à beira da janela e não parava de gritar:

— *Vou me matar! Vou me matar!*

De repente, um psicólogo ali presente saltou sobre a mãe da vítima e, agarrando-a pelo pescoço, gritou ameaçador:

— *Então chegou a hora de matar sua mãe também!*

Todos ficamos surpresos, pois ele não parecia estar brincando. O pretenso suicida vira-se para aquela nova cena e pede para ele soltá-la.

— *De jeito nenhum* — respondeu o psicólogo —; *vou matá-la também porque sei que é isso que você está querendo...*

— *Você está louco!!! Solte minha mãe!!! Não quero isso pra ela!*

— *Se você não quer isso pra ela, será que já parou para atendê-la no que ela quer para você?! Já pensou nisso?! Já?! Ou será que todos somos mais loucos que você?!*

— *Pare!!! Não faça isso! Não vou mais me matar...*

Mãe e filho abraçaram-se e choraram bastante. Os problemas foram analisados, superados e ninguém mais ali falou em se matar novamente.

Se rasgar e destruir uma cédula é motivo para condenação, que se pensar do suicídio?

31- INTELIGÊNCIA E BOA VONTADE

Tentava ensinar uma matéria a um jovem de raciocínio curto. Foi duro, mas consegui...

Procurado para opinar sobre assunto do qual o interlocutor, sem que eu soubesse, já tinha opinião formada, pensei:

— *Ainda bem que vou discutir com quem tem cabeça. Já pensou se fosse com aquele aluno?*

Dei minha opinião, crente que tudo estaria bem. A partir de então, vieram réplicas, tréplicas e muitas acaloradas discussões. Quando o diálogo terminou, ainda sob tensão, meditei:

— *Que coisa! Como é que se tem tanta inteligência, estudo e experiência na vida e não se vê em que teimosia e erro está incorrendo...*

Ainda indignado, acudiu-me à lembrança aquele aluno de pouca inteligência, de quem tive repentina boa recordação. Sua boa vontade, reconheci, era muito mais proveitosa que aquela implicância “travestida” de sabedoria.

O mundo está repleto de seres inteligentes e bondosos; só não temos mais sábios e santos porque escasseia a boa vontade.

32- OUVIR E SENTIR

O avô dialogava com o neto:

— *Naquele tempo, ouvia Elvis, Beatles, Stones, Disco...*

— *E por que o senhor acha que hoje só há barulho? Estive ouvindo umas músicas desses daí que o senhor fala e o som deles era muito doidão...*

— *É que os meus ouvidos eram jovens ainda...*

— *Então por que o senhor não entende meus gostos?*

— *Entender eu entendo, só não tenho como me acostumar novamente.*

— *Mas a questão não é de se acostumar, vô, é de gostar...*

— *Olha, meu neto, se para acostumar não está dando mais, imagine gostar...*

— *E como é que o senhor quer que eu resolva o “pró”? O senhor, que já gostou, não consegue se acostumar com aquilo que já curtiu, como é que eu, que gosto desse som, vou deixá-lo de lado para me acostumar com o que não gosto nem jamais gostei? Só queria que o senhor entendesse que ainda sou jovem e que meus valores diferem dos seus...*

— *Você tem razão, mas lembre-se de que esses valores diferem apenas no tempo, pois dia virá em que toda essa curtição se acalmará, dando espaço para que a música além de tocada e cantada, seja ouvida e sentida...*

O maior choque de gerações que existe é aquele no qual não há diálogo nem permuta de experiências.

33- FAZENDO A FELICIDADE

Quando tinha pouco o que comer, comia-o devagar, como quem saboreava soberbos alimentos...

Quando não podia dormir, por força de sua profissão de vigilante, procurava olhar com mais admiração as velhas paisagens, como se fossem as novidades das terras estrangeiras visitadas por turistas...

Quando o salário não dava para completar as despesas do mês, decidia-se por poupar algum, pois o mês seguinte poderia ser pior...

Quando não podia fazer o que queria, fazia-se acreditar gostando do que fazia, fazendo-o com contagiante alegria e satisfação...

Quando traído em seu amor, passava a amar com mais intensidade ainda, já que o desamor era tão ruim que não poderia ceder-lhe o assento do amor...

Não foi reconhecido como santo, sábio, famoso, nem ocupou posição de destaque; apenas foi uma criatura feliz!

Engenheiros constróem casas projetadas por arquitetos, mas o mundo interior é construção interior cujo projeto de vida nem sempre é bem cuidado; daí tantas casas mentais desarranjadas.

34- DAR USO

Vangloriava-se por sua biblioteca volumosa; orgulhava-se por conhecer os maiores autores; sentia-se um gênio...

Assim, negava-se a emprestar livros, escrever artigos, transcrever trechos valiosos. Não percebera, entretanto, que seu zelador, que para ele trabalhara oito anos, continuamente “consumia” aqueles livros, inebriando-se com tão ricos conhecimentos.

Noite passada foi receber uma homenagem na Academia de Letras, por seu acervo e seu conhecimento geral. Qual não foi sua surpresa quando ouviu a confissão pública do diretor da Academia:

— *Graças aos seus livros, os quais sempre li escondido, tomei gosto pela leitura e hoje sou quem sou...*

Já de volta para casa, pensava, arrependido:

— *Por que não deixei que outras pessoas tivessem acesso aos meus livros?! Quantos literatos e acadêmicos a mais poderiam existir hoje?!*

Se guardar coisas, em vez de usá-las, nem sempre é atitude de bom senso, guardar cultura é deixar terreno para que campeie a ignorância.

35- SER FAMOSO

Quando bem jovem ainda, pensei que um dia iria querer ser grande e famoso, com as pessoas sorrindo para mim, pedindo autógrafos e permissão para fotografarem-se ao meu lado.

Tempos depois, no começo de uma tarde que se me parecia terrivelmente cinzenta, vi um grupo de crianças, num ônibus escolar, sorrindo e acenando para mim. Pensei não ser para mim. Quando descobri que era para mim que elas faziam aquela festa, senti uma agradável sensação de alegria.

Chegando ao trabalho, o chefe trouxe um papel, e disse sorrindo:

— *Chegue aqui, Morenno, dê-me seu autógrafo!*

De princípio, imaginei tratar-se de demissão. Depois, refeito do susto e muito mais alegre, vi que era uma gratificação por uns serviços extras que havia prestado.

Quando a tarde já estava terminando, um casal de colegas chegou solenemente e pediu:

— *Morenno, você nos daria o prazer de uma foto conosco, já que hoje é nosso aniversário de casamento e você foi a única pessoa que se lembrou do fato? Será ótimo para nós termos registrado este momento ao lado de uma pessoa tão importante para nós...*

De volta ao lar, fiquei embaraçado para explicar o porquê de meu sorriso, eu que saíra tão tenso há poucas horas.

É difícil explicar quando se alcança coisas que se sonhou, sem que o sonho tenha, de fato, se realizado...

As coisas boas são boas por elas mesmas e não apenas quando acontecem como as imaginamos.

36- CALÇA CURTA

Definitivamente, não gostava de usar calças curtas. Já me sentia um rapaz, mesmo contando com apenas nove anos de idade. Por esse tempo, ainda não era comum o fogão a gás, sendo o carvão vegetal a principal fonte de calor para a feitura dos alimentos. Cabia a mim a tarefa de cuidar do depósito de carvão.

Como restava apenas uma daquelas calças, tratei de escondê-la debaixo do carvão e, para dar-lhe bom uso, transformei-a em minha “caderneta de poupança”, ali guardando todas as minhas economias, a partir de então.

Meses a fio cuidei daquela “poupança”, sentindo-me, a cada vez, mais rico.

Numa tarde, chegando da escola, mamãe aguardava-me com feições de poucos amigos. Com a calça curta numa mão e um saco plástico, cheio de dinheiro trocado e várias moedas, na outra, perguntou inflexível:

— *Morenno, como é que você me explica isso?!...*

— *Mamãe... ma... mãe... eu...*

— *Nem mais nem menos! Diga-me logo: além de estragar uma roupa nova, de onde é que você tirou todo esse dinheiro?*

— *Mamãe, vou explicar...*

— *Vai coisa nenhuma! O que você vai fazer agora é lavar e esfregar esta calça até ficar novinha novamente e ficar de castigo, sem sair à rua por duas semanas, para aprender a não tirar nada de ninguém. E quando sair do castigo, irá usar esta calça até não prestar mais...*

Não deu tempo para explicar que não havia roubado nada, nem para convencê-la de que me sentia ridículo vestido naquele tipo de calça. O castigo foi inevitável.

Por muito tempo usei criticar intimamente minha mãe por aquele ato, mas hoje percebo que guardava grande culpa por tudo que aconteceu. Primeiro, por não buscar o diálogo desde o início, procurando convencê-la do inconveniente do uso daquela calça curta e depois por tentar esconder uma boa atitude (minhas economias) dentro de um desvio de conduta (a destruição daquilo de que não gostava). A única coisa que ainda não encontrei resposta até hoje foi:

— *Mas era necessário que ela ficasse com todas as minhas economias?!*

Honestidade não é virtude; no máximo é obrigação, no mínimo deve ser prazer.

37- ENSINAR O QUE ACREDITA

Seu rosto ainda guardava um sorriso tranqüilo; sua pele continuava corada; seu corpo parecia dormir embalado por agradável sono. Não fosse a rigidez da carne e a imobilidade geral, nada diria que ele já tinha desencarnado.

A ingenuidade infantil não permitira que entendesse de pronto aquele quadro. O contraste da serenidade do desencarnado com o alvoroço das lágrimas e do choro da maioria dos presentes deixava-me confuso. Afinal, o pranteado parecia tão tranqüilo, tão relaxado, tão sereno...

Demorou-se até que percebessem minha presença ao lado do caixão. Até então, não temia a morte. Estava beirando os oito anos de idade quando isso aconteceu. As pessoas correram para tirar-me daquela sala, procuraram tapar meus olhos e diziam:

— *Não foi nada! Não foi nada! Ele apenas foi fazer uma viagem. Ele não morreu...*

— *Mas eu vi que ele está morto* — contestei.

— *Não Morenno, não pense assim. Ele foi ver Papai do Céu...*

— *Então, se ele foi ver Papai do Céu, por que é que vocês estão chorando quando deveriam estar sorrindo e felizes por isso?*

Ser criança não é sinônimo de ser ignorante. Ensinar como verdade aquilo que não acreditamos invalida a veracidade ensinada.

38- RESPEITO RELIGIOSO

Agitado, porém confiante, aquele amigo me procurara pedindo sugestão para resolver aflitivo problema. Sua esposa, católica praticante, vinha sonhando insistentemente com um filho desencarnado, em violento acidente, há um ano. Só que na última semana, por duas vezes, viu-o ao seu lado, pedindo-lhe coisas estranhas e ameaçando-a de morte caso não o atendesse.

— *E então Morenno, que devo fazer? Vim falar com você porque sei que você é espírita...*

— *Amigo, como sei quem era seu filho, posso garantir-lhe que não é ele quem está pedindo uma coisa dessas. Quem sabe não será algum outro Espírito, com o intuito de perturbar a paz de vocês?! Sugiro que ela vá à igreja, que chegue antes do início da missa e fique concentrada, em oração sincera. Assista à missa com atenção e fé e após, reze mais um pouco, demonstrando, assim, o quanto acredita em seu “santo protetor”.*

Fazendo uma tremenda cara de espanto, meu amigo interpelou-me:

— *Mas Morenno, você não é espírita? Como está recomendando Igreja e missa?!*

— *É que eu sou espírita, mas sua esposa não! Longe de mim qualquer idéia de desrespeitar sua crença, pois Deus nos atende pela nossa fé em ação e não pela maneira como acreditamos n’Ele. Agora, se ela quiser fazer um tratamento espírita, terei o maior prazer de indicar-lhe o melhor caminho, mas isso dependerá dela. Em todo caso, tenha certeza de que estarei orando por ela, pois a oração não se limita às rotulagens humanas...*

Religião que não respeita a liberdade de seus fiéis ainda não chega a ser religião.

39- O PODER DE DEUS

Tenho uma amiga muito interessante: ela pensa coisas óbvias e as comenta com naturalidade; apesar disso, normalmente causa espanto na maioria das pessoas. Eis uma de suas pérolas:

“Mamãe estava querendo castigar-me por alguma coisa que não deveria ter feito. Disse-me que se eu voltasse a fazer aquilo, quem me castigaria seria Deus.

“Falei para ela que não acreditava que Deus fizesse isso, pois Ele não tinha necessidade.

“Chocada, mamãe perguntou se eu não acreditava em Deus. Respondi que acreditava, tanto que sabia que Ele não faria aquilo. E meu argumento foi inquietante para ela:

“— Ora mamãe, se Ele é mais poderoso que eu, se Ele pode tudo e se Ele sabe tudo, que vantagem Ele terá por medir forças comigo?

“Sua conclusão foi inesquecível:

“— Pois é, Morenno, não creio que Deus ande tão incomodado quanto os religiosos e os pais da gente querem que Ele esteja, senão Ele não seria Deus...”

Se quisermos aprender e evoluir, rever conceitos e modos de vida são desafios que devemos estar sempre prontos a enfrentar.

40- FELICIDADE

Contou-me assim:

“Num dia em que estava muito triste, meio chateada com a vida, vi um homem puxando uma carroça. E pensei:

“— Olha só! Aquilo é que deve ser infelicidade! Já pensou, um homem fazendo o trabalho de um animal irracional..

“Fui até ele e perguntei-lhe se era infeliz. Sua resposta alavancou meu astral:

“— Não senhora! Sou uma pessoa muito feliz! Tenho saúde, que nem mesmo preciso de animal para puxar minha carroça; tenho força, consigo o meu sustento passeando pela cidade e ainda ganho saudações de pessoas bonitas como a senhora. Só não sou mais feliz porque não vejo todas as pessoas do mundo sorrindo...”

Feliz é todo aquele que se satisfaz com o que tem e faz de sua felicidade a alegria dos outros.

41- QUANDO

Quando não se conhece o tamanho do terreno não se pode fincar as estacas de divisa.

Quando se contempla a Natureza, sente-se a grandeza da vida; quando se percebe o valor da vida, compenetra-se da grandiosidade da Natureza.

Quando uma mãe se inicia na maternidade, não favorece apenas condições bio-fisiológicas para um ser reencarnar; com ele, ela reencarna mais um pouco, ensaiando-se para a perfeição na responsabilidade da co-criação.

Quando falar e calar: o insensato fala sempre; o displicente quase não fala; o sensato fala na hora certa e, disciplinadamente, cala quando deve.

Quando só se é educado por conveniência, corre-se o risco de se ser inconveniente, por pura deseducação.

42- COMENTÁRIOS

Depois de escrever uma poesia, releu-a algumas vezes e concluiu:

— *Quanta bobagem! Que coisa sem graça, essa que escrevi...*

Recebendo uma visita de uma amiga, apresentou-lhe uma cópia da poesia, dizendo ser de autoria de uma pessoa conhecida. Sua reação foi surpreendente:

— *Nossa!!! Que coisa linda!!! Posso ficar com esta cópia?!*

— *Pode...*

Uma semana após, numa reunião de amigos, aquela amiga apresentava ao grupo a cópia da poesia e pediu a cada um sua opinião.

— *Olha, a sutileza de raciocínio do autor esconde a grandeza de um notável filósofo* — disse um deles.

— *Concordo!* — disse outro.

— *Para mim* — acrescentou mais um —, *esta poesia guarda e traduz uma grande compreensão da vida.*

— *Pois para mim* — arrematou o último — *trata-se de um autor erudito e escoreito na linguagem...*

No prosseguimento dos comentários, terminaram forçando a barra para que o nome do autor fosse revelado. Meio tímido, ele confessou:

— *Fui eu...*

Os amigos sorriram e simplesmente não acreditaram, pois, de uma forma ou de outra, disseram:

— *Você?! Ah! Ah! Ah! Jamais... Você não tem capacidade nem para a metade...*

O único que pareceu acreditar, desdenhou...

— *Bem que eu estava achando a poesia meio sem graça...*

Como o autor era envergonhado, de verdade, ninguém perdeu um amigo, mas como sua timidez era muito grande, todos perderam um grande poeta.

Vaidade que sobe à cabeça é egoísmo e humildade que leva à improdutividade é orgulho ferido.

43- PELOS FILHOS

Teu desempenho já tinha sido dos melhores. Após anos no trabalho, passava por um período de relativo descaso. Por mais que os colegas procurassem motivá-lo, de quase nada adiantava. Chegou até a pedir dispensa, mas foi convencido a permanecer no emprego.

Chegara mais um período de férias; foram trinta dias distantes do ambiente de trabalho e vividos na intimidade do lar. Quando retornou, o ânimo era outro. Não apenas havia superado aquela crise, como voltara mais ativo, atencioso, prestativo e trabalhador que nunca. Todos comentavam elogiosamente, mas ninguém sabia o motivo da mudança.

Dois meses após o regresso das férias, pediu licença para falar com seu superior. Eis o diálogo:

— *Primeiro, quero desculpar-me por alguns dias antes das férias...*

— *Tudo bem! O que vale é que você está de volta, com a velha disposição de sempre...*

— *Mas eu queria pedir-lhe um favor...*

— *Pois não. Vamos ver do que se trata.*

— *É que eu tenho um filho, completando 19 anos, que acabou de servir às Forças Armadas e... está desempregado. E eu estou muito preocupado com isso.*

— *Por quê?!*

— *Porque jovem, sem responsabilidades só encontra descaminhos pela frente. Por isso eu queria pedir ao senhor para conseguir uma vaga ou um emprego para ele. Garanto ao senhor que continuarei como sou, hoje, até mesmo para que ele tenha em mim um bom exemplo...*

— *Então, foi por isso que você voltou a ser o que era?!*

— *Foi! Antes eu andava abatido, pois sabia que ele não permaneceria no Exército e pensava que não teria coragem de pedir ajuda. Quando retornei, depois de ver o quão ruim é ficar em casa sem fazer nada, decidi que aproveitaria melhor meu tempo e meu trabalho. Mas não fiz isso só por minha cabeça... Fiz porque sabia que assim teria condições de poder vir ao senhor para lhe pedir ajuda. Afinal, trata-se de um filho, do futuro de meu filho... Será que o senhor poderá me ajudar?!*

Fazer tudo pelos filhos não é tudo; fazer o certo pelos filhos e para eles é o que se chama de paternidade amiga.

44- VIVER PARA SERVIR

Sua idade já estava entre 65 e 70 anos. Como nascera com visíveis deficiências mentais, seus pais não tomaram qualquer providência para registrá-la, acreditando que ela desencarnaria logo.

Apesar das deficiências físicas, vive até hoje. E sempre viveu em função de servir aos outros.

Como não se sabia em que dia nascera, ela não “fazia” aniversário. Os mais “chegados”, entretanto, de vez em quando lhe traziam alguma lembrança. Numa tarde recente, acabara de ganhar um vestido. Seu sorriso infantil, pois que ainda guardava a pureza de quem não compreende a passagem dos anos, esboçou-se farto e alegre, acrescido de sua expressão quase ininteligível:

— *Bigadhim, bigadhim!!!* — que se traduz por “*Obrigadinho, obrigadinho!!!*”.

Pena que a gordura mal distribuída em seu corpo havia criado verdadeiros bolsões sob seus antebraços, de forma que o vestido não lhe coube.

A título de brincadeira, uma das pessoas que assistia à entrega do presente, gracejou:

— *Por que não corta as carnes dos braços dela?*

Sua contestação foi imediata e surpreendente. Naquele quase dialeto, só compreendido por quem esteja acostumado com sua convivência, assim quis se expressar:

— *Faça isso não! Se cortar meus braços, quem vai cuidar da comida? Quem vai lavar as roupas? Quem vai arrumar a casa?*

Esclarecido que era só uma brincadeira e que a costureira iria consertar o vestido, lá se foi ela feliz fazer o cafezinho.

A responsável por sua criação, que a tudo assistia, aproveitou o ensejo para comentar:

— *Como é interessante a vida! Uma pessoa como essa, com tantas deficiências, viveu a vida inteira só para servir. Fico pensando quando estivermos desencarnadas e eu for procurá-la. Certamente não a encontrarei, pois estará em lugar muito “alto”, luminosamente radiante. E mais uma vez irei pedir-lhe ajuda, só que não sei se ela poderá vir me socorrer...*

Um “sobrinho” concluiu o assunto:

— *Não se preocupe. Ela virá! Uma pessoa que viveu servindo, nem mesmo a morte conseguirá transformá-la numa criatura mesquinha...*

Satisfeito está quem é bem servido, mas feliz mesmo é quem serve com satisfação.

45- IMPRESSÃO DA COR

Estava vestida de preto. Seguiu para o Centro Espírita onde iria rezar, ouvir o Evangelho e aplicar passes. Na rua, os comentários não eram dos mais animadores:

- *De preto assim deve ser para fazer “despachos”...*
- *Até parece coisa endiabrada...*
- *Só mesmo sendo espírita para vestir tal indumentária...*

Chegando ao Centro, alguns companheiros recriminaram:

- *Como é que você vem toda de preto para o Centro?!*
- *Por que não veio de branco, que é a cor da pureza?!*
- *Nossa! Pensei que fosse uma alma penada...*

Tentou argumentar, mas percebeu que só iria exacerbar mais ainda as críticas. Sentou-se no auditório e orou, pedindo paz e orientação a Jesus.

Como a atender suas súplicas, o palestrante fez quase todo o comentário da noite enfatizando duas passagens evangélicas: “*Não é o que entra pela boca do homem o que o macula, mas o que dela sai...*” e “*O homem não foi feito para o sábado, mas o sábado para o homem...*”.

Ela já se encontrava satisfeita, pois tinha interpretado aquilo como o “aval” de Jesus. Mas a conclusão da palestra deixou-a reflexiva:

— *Portanto —* concluía o palestrante — *não podemos dar maior crédito às aparências; elas merecem nosso exame, nossa análise e melhor critério de avaliação a fim de não se cometer injustiças, mas isso não nos credencia à promoção de qualquer escândalo, pois apesar de necessário, Jesus já nos garantiu que é sempre responsável aquele por quem ele se fizer repercutir.*

Não deixou de usar preto, mas passou a combiná-lo de forma menos agressiva, especialmente quando se dirigia a trabalhos de cunho religioso.

Mais escuro que o preto das vestes é o preto que reveste as palavras de maledicência.

46- O VALOR DO TRABALHO

Naquela ocasião, seu serviço seria o de transferir engrenagens de uma sessão para outra. Por força do funcionamento da “linha de produção”, não se poderia ausentar enquanto não transferisse todas.

Estando a produção, momentaneamente, em atraso na colocação das engrenagens na esteira de abastecimento, ele começou levando de duas em duas, quando, se esperasse mais um pouco, poderia levar de vinte em vinte por vez. Depois de várias “viagens”, um colega alertou-o do desperdício de caminhadas.

— *Você tem razão* — confirmou. *Mas se eu levar muitas de uma vez, logo ficarei sem ter o que fazer...*

— *Não me diga que você não gosta de ficar sem fazer nada?!...*

— *Acontece que se eu ficar parado, meu chefe pode pensar que sou dispensável e no primeiro corte de pessoal serei demitido. Depois, estando ocupado, exercito meu corpo e alimento minha alma com coisas boas. Se eu quisesse viver sem fazer nada, com certeza este não seria o lugar ideal...*

Trabalho exercido com prazer dá maior valor à remuneração.

47- OFENSAS

— *Mestre, como reagir às ofensas?*

— *Não reagindo.*

— *Mas isso é covardia?*

— *Talvez não! Se alguém lhe arranca um pedaço, você considera isso uma ofensa?*

— *É claro!*

— *E como é que uma fruteira reage quando lhe tiram os frutos?*

— *Já sei! O senhor quer que além de perdoar ainda dê novas oportunidades a quem me ofendeu, não é?*

— *Se você não puder fazer isso, pelo menos não decepe seus ramos, para que novos frutos possam se reproduzir amanhã.*

— *Como assim?*

— *Só nos ofendemos porque ainda estamos vulneráveis. Quando valorizarmos mais os seres que as coisas, não haverá espaço para ofensas. Portanto, não se feche para quem lhe ofendeu; deixe espaço para testar suas resistências em outras oportunidades, como as árvores que, mesmo sem frutos, se distendem para dar sombras ao viajor e continuam promovendo a renovação do ar para todos.*

Se me ofendo por ter minha moral atacada talvez ainda não tenha acatado a moral verdadeira.

48- HOMEM X ANIMAL

Quando ferido, o cão late, o pássaro assobia, o gato mia, o cabrito berra, e assim por diante...

Quando ferido, o homem grita, chora, acusa e blasfema.

Quando acariciado, o cão late, o pássaro assobia, o gato mia, o cabrito berra, e assim por diante...

Quando acariciado, o homem cala, sorri, aquieta-se e agradece.

O que difere o homem dos animais não são suas reações; são as ações racionais que pratica e as reações controladas que exercita.

Quando justificamos nosso desejo de vingança como instinto, não podemos exigir que nos dêem tratamento além do que é dispensado aos irracionais.

49- CATÁSTROFE MORAL

Estava trabalhando, quando um companheiro, aflito, comenta:

— *Você sabe que o mundo irá acabar dentro de poucos dias?*

— *Como assim?* — perguntei...

— *Um espírito disse que quem tivesse condições construísse quartos subterrâneos e ali guardasse provimentos para uns dois meses, pois quem não fizer isso, ficará gritando de fome e dores, atacado por violenta praga, morrendo à míngua. Quando a peste vier — continuava ele — as portas dos refúgios subterrâneos não poderão sequer ser abertas...*

— *Meu amigo, não posso fazer uma coisa dessas.*

— *Por que não?!*

— *Por dois motivos: primeiro, porque não acredito que o mundo vá acabar-se de uma maneira assim, tão apocalíptica; depois, se isso tudo acontecesse e eu tivesse construído um refúgio tal como sugerido, como poderia ter tranqüilidade, sabendo que lá fora pessoas estariam em pânico e morrendo de fome, enquanto eu permaneceria trancado em meu egoísmo, acreditando que Deus me tivesse escolhido, em detrimento de toda uma humanidade?... Pelos exemplos que sei, os escolhidos de Deus são criaturas que estão sempre na vanguarda das transformações, pagando o elevado preço daí decorrente, por vezes com a própria vida.*

— *Então você não acredita nem vai fazer nada?*

— *Acreditar, honestamente falando, não acredito, mas vou fazer alguma coisa, sim...*

— *O quê?!*

— *Vou orar por todos os que estão acreditando nisso e pelo esclarecimento do espírito que está equivocado em sua mensagem. E vou-me esforçar mais ainda para ensinar que o verdadeiro ensino dos Espíritos está ligado à reforma moral do homem e não no incremento do egoísmo e do apego à matéria.*

Maior que as catástrofes é o terror com que as revestimos.

50- FAZEDORES DE TEMPO

Conheci algumas pessoas de sucesso que escreveram livros e livros. Uma coisa intrigava-me: como tinham tempo para resolver tantas coisas e, ainda por cima, escreviam?

O ponto comum a todas elas é a intensidade no desempenho de suas tarefas. Invariavelmente, são pessoas que trabalham muito e, por não terem tempo, aproveitam bem todo o tempo que têm e, inclusive, o que não têm. São verdadeiros fabricantes de tempo.

Por falar nisso, você já percebeu que quando quer uma coisa, e se empenha por ela, nunca falta tempo? E quando parece que vai faltar, você sempre dá um jeito e consegue chegar onde pretendia? O interesse, pois, é o maior fazedor de tempo.

Confundir falta de tempo com desinteresse é perda de tempo.

51- CONSEQÜÊNCIAS

Tem pestanejar, ele esbravejou violento desaforo.

A vítima limitou-se a baixar os olhos e seguiu adiante.

— *Não adianta me atrapalhar mais ainda...* — pensava a vítima, enquanto se afastava.

— *Covarde! Por que não vem brigar?* — continuava o agressor.

Fato é que a atitude da vítima desconcertou o violento que, ainda furioso, caminhando de costas, chocou-se com violência contra um poste. Pensando tratar-se de alguém que estaria tomando as dores do outro, já se virou “metendo a mão”. Resultado: fratura em dois dedos. Chegando ao hospital, ainda esbravejando, descobriu que ninguém se dispunha a atendê-lo. Só então baixou a voz e moderou o tom da reclamação para conseguir ser atendido.

Por outro lado, sua primeira vítima chegava a casa. A mulher reclamou-lhe o atraso e o esquecimento do pão. Sem nada contestar, voltou a sair; comprou o pão e retornou pensando:

— *Como as pessoas estão nervosas hoje em dia!... Peço a Deus que me dê muita paciência e, mais que isso, não me permita tornar-me violento. Que coisa triste ficar fazendo escândalos...*

No dia seguinte, o agressor estava arrependido, mas, além da mão engessada, ainda não sabia onde procurar a vítima para desculpar-se, o que inquietava seu mundo íntimo. A vítima, por sua vez, tendo, na noite anterior, consolado a esposa e dormido tranqüilo, estava novamente integrado ao trabalho, sem remorsos, sem dores e produzindo com tranqüilidade.

Valentia não define coragem; quase sempre define animalidade.

52- OPORTUNIDADES PERDIDAS

— *Não consegui formar-me como você, nem ter um bom emprego como o Jorge...*

— *E o que você faz hoje em dia?*

— *Trabalho muito... e ganho pouco! Oh! Como me faz falta o estudo...*

Quem queira saber o que é perder boas oportunidades, vá aos compromissos orientando-se por um relógio atrasado.

53- VESTIR-SE

Eram três pessoas vitoriosas. Uma vestia-se modestamente; outra com esmero; a última estava na moda.

As três eram pessoas boas, tinham o mesmo padrão intelectual e mantinham-se num bom nível de equilíbrio familiar. Mas as três estavam momentaneamente desempregadas.

Nessa condição, foram participar de um concurso, onde apenas uma poderia ser contratada. Além dos exames técnicos, uma entrevista definiria o “vencedor”.

— *Por que você está usando esta roupa?*

O mais modesto respondeu:

— *Porque estou desempregado!*

O segundo, falou firme:

— *Passo fome, mas não abro mão de uma boa roupa...*

O terceiro informou:

— *Porque procuro vestir-me de acordo com o que posso, mas respeitando os compromissos...*

O terceiro foi contratado.

Coerência pode não impressionar a todos, mas diz do caráter e da personalidade de quem a preserva.

54- DESAFINADO

A recomendação era para que ele estudasse, mas preferiu exercitar sua mediunidade sozinho, pois via e ouvia Espíritos em todo canto, o tempo todo. Quando já se encontrava bastante perturbado, resolveu consultar um antigo e experiente espírita. Este, depois de ouvir-lhe a história, comentou:

— *Um jovem, dizendo-se interessado em tocar músicas, convenceu seu pai a adquirir um pequeno órgão eletrônico. Nele, iniciou-se, mas não se dedicou por muito tempo. Cobrado pelo pai, disse que só tocaria melhor se tivesse um instrumento à altura. Fazendo sacrifícios, o pai adquiriu um órgão de reconhecida qualidade. Passado o entusiasmo do primeiro momento, voltou o filho a solicitar outras marcas, tipos e modelos. Já ressabiado, o pai convidou um músico profissional para tocar umas músicas naquele instrumento. Foi uma maravilha! Só que, ao final, ele perguntou quem tinha maltratado tanto aquele instrumento, pois estava audivelmente desafinado. Para não envergonhar o filho, que a tudo assistia, disse que nada sabia a respeito. Após as despedidas, o pai falou ao filho:*

— *Viu?! O problema não era do instrumento, mas da falta de estudo...*

Após esta narrativa, concluiu o médium:

— *Reconheço: além de desafinar, ainda não aprendi quase nada. Obrigado pela orientação!*

“Quem queira evitar os males peculiares à prática, inicie-se pelo estudo prévio da teoria”.
Allan Kardec

55- A NOVELA

Era o último capítulo da longa novela que se estendera ao longo de oito meses. O IBOPE acusava os maiores índices de audiência já alcançados e a expectativa quanto à descoberta do frio assassino, que matara sete personagens, era imensa.

— *Tenho certeza de que foi fulano...* — disse alguém durante o intervalo.

— *Não! Foi aquela outra personagem...* — gritou outro espectador.

A cada intervalo da novela, as discussões ascendiam-se mais um pouco. Até que, num momento em que os telespectadores já não raciocinavam mais, deixando apenas prevalecer suas opiniões e desejos, é apontado o assassino.

Finda a novela, uma pessoa estava satisfeita: tinha adivinhado quem era o criminoso. E isso deu ensejo para outra novela, agora real, estabelecer-se: a da insatisfação dos que não acertaram. Após cada um justificar, sem muita cortesia, por que achava que deveria ter sido outro, um espectador esbravejou:

— *Por mim, eu teria matado muito mais gente...*

Em meio a tantos adultos, uma criança de doze anos encerrou a discussão:

— *Primeiro eu pensei que vocês queriam assistir à novela; depois percebi que vocês queriam apenas saber quem era o assassino; mas agora reconheço que vocês estão querendo é se matar. Será que ninguém viu as coisas boas que aconteceram depois? Será que vocês, depois que crescem, só se agradam do que não presta?*

Onde está o interesse, aí está o mundo interior; é por nossas reações que externamos nosso mundo íntimo.

56- QUEM SEMEIA O MAL...

— *Quem tenha suas potranças que se cuide, pois meu garanhão está solto!*

Assim falava, orgulhoso, um pai, referindo-se à masculinidade do filho. Para ele, ser homem era atributo definido tão somente pela genésica, governado pelo machismo inconstitucional.

Anos depois, corria feito louco pedindo “justiça”, já que um “potro” deseducado avançara, violentando sua filha menor...

Quem acha que o mal dos outros é fonte de satisfação, surpreender-se-á com o efeito bumerangue que o mal produz.

57- O BRIGUENTO

Rostalbo era conhecido por seu gênio birrento. Vivia provocando as pessoas só para criar confusão.

Certa vez, começou a provocar Jorge, pacato rapaz, até o ponto de ele revidar um empurrão. Como Jorge estava acompanhado de outros colegas, Rostalbo prometeu vingança.

A fim de evitar problemas, e até temendo levar uma surra do brutamontes, resolveu mudar-se para a casa de uma tia. Uma semana depois, Rostalbo já tinha localizado Jorge. Sabedor do fato, Jorge voltou a mudar-se. Mais duas semanas e Rostalbo volta a descobri-lo. Jorge mudou-se uma vez mais, mas Rostalbo foi mais esperto e descobriu seu novo endereço.

Nesse ponto, Jorge refletiu:

— *Não posso continuar fugindo! Não fiz nada de errado nem ele pode ser mais do que ninguém; ele tem muitos músculos, é verdade, mas eu tenho uma boa cabeça. Voltarei para casa!*

No mesmo dia em que retornou, deparou-se frente a frente com Rostalbo. Quando este partiu para cima dele, Jorge falou forte:

— *Pare aí! Até hoje tentei evitar isso para que você não sofresse as conseqüências... Se você quer brigar, vamos, mas teremos que estar num campo... só nós dois...*

— *Por que isso?!*

— *Porque aprendi uma luta que vai derrotá-lo e será vergonhoso para você apanhar na frente dos outros...*

— *E que luta é essa?! Ah! Ah! Ah! Sou mais forte que você...*

— *Você pode até ser mais forte, mas será que você já ouviu falar em Hofusin? Shahatô? Jiu-te-sô?*

— *Bem... Bem...*

Resultado: não houve a briga e terminaram fazendo as pazes.

Na realidade, aqueles nomes não significavam absolutamente nada, mas quem só pensa em brutalidade dificilmente descobre as “jogadas” da inteligência...

A disposição por enfrentar os obstáculos predispõe a criatura à vitória.

58- SER EU MESMO

A preocupação daquele pai era grande: queria o melhor futuro para seu filho. Assim, desdobrava-se em recomendações:

— *Olhe filho! Vá estudar mais um pouco... Quando crescer, você poderá divertir-se mais...*

— *Já é hora de ir dormir! Você precisa deitar cedo para ter muita saúde no futuro...*

— *Cuidado filho! Não corra nem brinque na areia para não adoecer...*

— *Preste atenção nas aulas de evangelização para quando crescer ter uma boa conduta religiosa...*

Até o dia em que o filho, de apenas oito anos de idade, perguntou:

— *Papai, o senhor está certo querendo que no futuro eu seja algo legal, mas será que nem um dia eu vou poder ser eu hoje mesmo?!*

Além de carinho e proteção, a criança também precisa e merece respeitar e ser respeitada.

59- O MUNDO DA MÚSICA

De pequeno, só gostava das músicas que meus pais cantavam. Quando adolescente, caí na onda jovem. Apaixonado, gamei pelo estilo musical que minha namorada curti; adulto, tornei-me eclético em termos musicais, embora sem gostar de todas as músicas.

Um filho, que me saiu idêntico, seguia naturalmente essa mesma trilha, só que suas músicas jovens me irritavam.

Falando com meu pai acerca dessas coisas, ele foi conclusivo:

— *Também detestava a jovem guarda, mas você, seus irmãos e meus netos terminaram acostumando-me a ritmos de que não gostava, de forma que hoje sei apreciar todas as músicas, mesmo que não goste de algumas...*

Assim é a música! Assim é a vida!

Ainda quando não entendemos a arte, nem por isso ela deixa de ser arte. Mas o bom da arte é que, de tão elástica, não se limita à percepção de um ou de um grupo de observadores; talvez aí resida o motivo de ela ser tão fantástica.

60- MODA E MODA

— *Menino! Quando é que você está pensando em cortar esse cabelo?!*

— *Ah mamãe! Vou deixar crescer bem muito para fazer um rabo-de-cavalo!*

— *É o quê?!!! Você está louco!*

— *Não mamãe... apenas vou imitar Jesus...*

Após esse diálogo, a mãe ficou alguns minutos pensando e, enquanto se retirava à procura de um tecido rústico, o filho corria eufórico para o quarto:

— *Dessa vez caiei a mamãe — assim pensava.*

Mal se passaram 50 minutos, a mãe volta a chamar o filho. Quando ele chega, ela vai direto ao assunto.

— *Está bem, filho, você pode usar o cabelo como Jesus. É tanto que fiz para você este manto, igual ao que Ele usava. Sim, há mais uma coisa: junte agora seus sapatos, tênis e roupas que vou doá-los a um orfanato e, na volta, trarei dois belos pares de sandálias de couro cru para você. Está bom assim?!*

E o filho, meio desconfiado, sorriu um sorriso amarelado e disse:

— *Que é isso mamãe! Eu estava só brincando...*

O melhor conselho é aquele que leva o aconselhado a reelaborar seus conceitos para melhor.

61- COMO CRITICAR

— *Engraçado! Como é que você deu sua opinião, uma opinião tão bem fundamentada e segura, mas iniciou tudo com um “salvo melhor juízo”!*

— *É que critico tomando por base meus conhecimentos, sem me iludir, pensando que eles sejam, para o criticado, mais valiosos que aquilo que estou criticando; apesar disso, devo acreditar na minha crítica e defendê-la, nem que para isso deva modificá-la; do contrário, melhor não criticar.*

Ajuíza melhor quem igualmente aceita o juízo dos outros.

62- CASAMENTO

Casamento não é ringue. Casais existem que não brigam em voz alta nem trocam improperios, mas promovem verdadeiras lutas para saberem qual dos dois é o mais forte, o vencedor.

Um não pede desculpas para ver a reação do outro; o outro não desculpa porque aquele não pediu. Um insiste em ficar aborrecido, esperando que o outro se decida pelas pazes, mas nenhum pede a paz já que isso significa ter perdido a luta...

Assim, os dois perdem tempo de paz, tempo de amar, tempo de se “curtirem”, perdem tempo e ainda podem chegar a se perderem um ao outro.

Quanta coisa boa se perde por não se perceber o óbvio!

63- O IMPORTANTE É...

Aquele amigo estava ali conosco, exatamente no momento em que preparávamos o despacho do jornal para o correio. Eram mais de 1500 endereços. O trabalho de dobrar, envelopar, endereçar e colar era extenuante, mas feito com satisfação.

De repente, um amigo chegou com um papel na mão e pediu:

— *Enderece este jornal para o meu amigo fulano...*

— *Mas por que você não entrega um exemplar a ele pessoalmente? Ele não está ali?*

— *Está sim! Mas é que eu gostaria que ele sentisse o quanto o acho importante! Receber pelo correio é muito mais charmoso!*

Ainda tentei convencê-lo do que era receber em mãos, mas após aquele argumento, compreendi que, para o seu coração, enviar pelo correio era motivo de muita alegria. Imediatamente, calei as palavras e manuscreevi o endereço.

Em troca, recebi inesquecível sorriso, bonito e feliz, a mim endereçado como agradecimento.

Valores subjetivos nunca são menores que os materiais; prova-o a amizade, a saudade, o querer bem...

64- A PARTE PIOR

Sentindo-me péssimo, julgando-me um traste, assim me defini para um amigo:

— *Se você acha que todos fazemos parte de um jardim, então eu sou o espinho da roseira...*

— *Que bom!*

— *Como “que bom!”?*

— *Pois assim é! Se você é o espinho, então você é uma pessoa de defesa, pois um espinho não ataca nem agride ninguém, apenas defende quem quer machucar a rosa...*

Pois não é que aquele amigo me revelou uma pessoa que eu não conhecia? Mudei muito depois que refleti sobre aquilo...

O mal que os outros nos fazem perturba-nos ostensivamente, mas o mal que fazemos a nós mesmos muitas vezes se mascara; por isso é muito perigoso.

65- OS VELHOS CLICHÊS

Com problemas de alguma ordem, costumamos ouvir velhos clichês:

— *Tenha paciência; com o tempo isso passa...*

— *Onde andará sua fé? Confie que tudo se resolverá...*

— *Seus problemas são de ordem sexual. Ponha seu mundo interior pra fora...*

Só não nos dizem como adquirir paciência, principalmente enquanto o tempo vai passando; não nos orientam o que é, de fato, ter fé, apesar das coisas continuarem sem solução; e não nos ensinam sexualidade: quando muito, orientam como exacerbar a sensualidade e exercer descontroladamente as funções do sexo.

Não que os velhos clichês não traduzam realidades a ponderar, mas não podem ficar restritos a clichês, pois, é bom reconhecer que até as fotos dos jornais, livros e revistas trazem textos elucidativos, sem os quais não passarão de meros clichês...

Sabe como se ensina fé? Demonstrando. E sabe como se demonstra? Acreditando no que se diz e no que se faz.

66- APOSENTADORIA MOVIMENTADA

— Olhe mestre: aposentei-me hoje! Agora só me resta ficar sem fazer nada. Que o senhor acha?

— Veja como as plantas silvestres brotam sem que qualquer lhes cuide; note como os animais caçam apenas o essencial, sem que nenhuma lei surja para proibir-lhes ou demarcar-lhes espaços; observe como os cristais organizam-se em camadas harmoniosas entre si, sem que jamais tenham estudado geometria; perceba como o Universo movimenta-se numa cadência rítmica perfeita, sem que algum mestre da dança lhe haja ensinado passos; raciocine sobre como são harmoniosos os movimentos das estruturas moleculares e atômicas, mesmo quando as aparências acusam-nas sólidas e imóveis...

— Mestre, devo eu então ser uma planta silvestre ou qualquer dessas outras coisas que o senhor me apontou?

— Não, filho, apenas o convido a perceber como a Natureza, em toda sua extensão, movimenta-se, mesmo quando aparentemente nada nem ninguém interferira nesse sentido. Não se justifica, pois, que você permaneça acreditando que a aposentadoria seja sinônimo de inatividade!

Ócio: habitação da doença, da perturbação e do mal.

67- JUSTIÇA DIVINA

Apreensivo, um amigo confabulava com outro:

— Olha, não sei o que será dele quando morrer...

— Por quê?! Ele não acredita na vida após a morte?!

— Acredita! Mas acontece que ele fez um bocado de coisas erradas...

— Ah! Mas também fez muitas coisas boas! Veja só quantos amigos possui! E ninguém tem amigos se não tiver sido bom para com eles...

— Eh! Apesar disso, a contabilidade que Deus tem sobre ele não deve ser das melhores.

— Olhe aqui: você não é pai, não tem filhos?

— Tenho.

— E então; se um deles, depois de lhe ter dado muito trabalho, começar a redimir-se, fazendo coisas boas, você não lhe perdoa?!

— Perdão, mas...

— Pois acredite: Deus é melhor que eu e você. Ele leva mais em conta o que de bom fazemos que os erros ou equívocos que cometemos.

De tanto se falar em demônios e infernos esquecemos de Deus e do Céu.

68- EVOLUÇÃO POR FIRMAR-SE

Havia tomado uma posição muito dura e, o que era pior, de uma maneira ríspida e radical. Algumas pessoas foram atingidas.

Depois de alguns meses, após muito refletir e pedir inspiração do Alto, reconsiderarei a parte mais infeliz da atitude e escrevi pedindo desculpas pelos excessos, reconsiderando a decisão radical.

Feito isso, passei a sentir-me melhor. Julgava-me “mais evoluído”, pois superara o mal estar. Até quando uma das pessoas atingidas me procurou e disse, com tom de ironia:

— *Eu sabia que você não seguraria o que disse; você não tinha razão mesmo!!!*

Foi assim que descobri que não tinha evoluído quase nada, já que meu impulso imediato indicava-me dizer-lhe tudo outra vez. Graças a Deus, pelo menos isso eu não fiz!

Na hora da prova é que medimos o quanto estudamos e o que de fato aprendemos.

69- ABORTO NÃO REALIZADO

A gravidez era indesejada. Veio na hora errada, da maneira errada e ainda trazia riscos de várias ordens: saúde, familiar e emprego.

O primeiro impulso foi o do aborto. Tomou uns chás que, em vez de “resolver”, a debilitaram. Recuperada, buscou uma “clínica”; naquele dia a “parteira” havia adoecido e faltara. À noite, enquanto reunia e (des)ordenava as idéias para “dar cabo” ao “problema”, adormeceu. Sonhou com belo jovem pedindo-lhe algo que, na manhã seguinte, não soube definir. Durante o dia, não conseguiu tirar aquela imagem da mente, de sorte que esqueceu a gravidez. Na noite seguinte, voltou a sonhar com o mesmo jovem, só que acordou com a agradável sensação de um tão doce quanto agradável “*obrigado!*”. Era como se ainda visse seus lábios pronunciando aquela palavra de agradecimento, enquanto de seu coração irradiava uma paz indefinível.

Desistiu do aborto.

Enfrentou tudo, todos os riscos e todos...

Hoje, passados 23 anos do episódio, ouve consternada seu belo e jovem filho pronunciar, do púlpito da solenidade de sua formatura, ante uma extasiada multidão:

— *... e agradeço sobretudo à minha mãe, que me alimentou o corpo e o espírito, dando-me não só comida, mas carinho, companhia, amor e principalmente VIDA.*

E, olhando em seus olhos, o filho pronunciou, num tom inconfundível:

— *Obrigado!*

Foi o mesmo "*obrigado*" doce e agradável de um sonho, há 23 anos...

Deus sempre dá oportunidades, sempre! Nós é que, muitas vezes, não estamos nem aí...

70- LEI DO ESFORÇO

Para descer, um encontrão, um vento forte ou um simples escorrego ajudam; para permanecer onde está, até a preguiça, em alguns casos, resolve; para subir, entretanto, sempre haverá a necessidade do esforço: as escadas que o digam...

Evite a autocomiseração. Acredite: você pode mais, pode muito mais, sempre!

71- EDUCAÇÃO E MORTE

— *Diga-me lá, meu vô, o que você faz para viver tanto tempo?*

— *Não faço nada, meu filho! Quem faz é Deus...*

— *Não me venha com essa história... O senhor já está com uns 80 e tantos não é?!*

— *Oh não! Isso é um elogio seu, filho. Muito obrigado, mas já estou beirando os 100...*

Nisso, uma pessoa que ouvia aquela conversa, intromete-se e diz:

— *Eu sei o que ele faz! É que ele é muito educado e sempre dá sua vez para qualquer pessoa. Se está numa fila, pergunta a quem está atrás se tem muita pressa, e dá-lhe o lugar dizendo: “pode passar!”; se, quando dirigia, vinha no carro e alguém queria fazer um retorno na sua frente, ele gentilmente dizia: “pode entrar!”; se qualquer pessoa pedia-lhe alguma oportunidade, ele, sempre sorrindo, falava: “a vez é sua!”...*

O outro interlocutor, sem entender a relação daquilo com o que ele conversava, perguntou:

— *E o que isso tem a ver com ele viver muito?!*

— *É que quando alguém lhe diz: “Vovô, o senhor já está pertinho de ir pra outra vida, né!” ele responde, no mesmo tom jovial:*

— *Qual o quê meu filho, a vez é inteiramente sua...*

Educação e bons modos ajudam até a preservar a vida... literalmente.

72- A FORÇA DO MAL

Estava abatido, desanimado, vencido.

Além do mal sofrido, a sensação de perda e de incapacidade era uma nódoa forte na alma. Concluía, entristecido, que o mal vencera.

Absorto em tais idéias, não se dava contas de que o mal é um simples fenômeno, que tem ganho o *status* de majestade por nossa incapacidade de enfrentá-lo, pois se o fizermos, vence-lo-emos, sempre.

Olhando para a calçada, viu que entre duas pedras surgia um matinho rasteiro. E pensou no quanto de esforço inútil aquela plantinha tinha desempenhado apenas para brotar à vida. Pensou no quanto teria ela sofrido para poder “surgir”...

De repente, ergueu-se resoluto: não poderia ser menor que uma planta, quiçá, daninha. Seu sofrimento já o tinha sofrido. Não poderia, pois, deixar o mal demorar-se mais tempo em seu peito.

Como a plantinha, que encontrou espaço entre as pedras da calçada, expulsou as idéias infelizes da mente. Esta simples postura mudou radicalmente sua vida...

Só competindo se tem oportunidades de se tornar vitorioso.

73- SER ÚTIL

Havia escrito algumas coisas que achava interessantes. Contando os trocados, publicou-as como uma apostila. Vários amigos leram e fizeram muitos elogios. Nem percebeu que, paralelamente, a vaidade ia crescendo em seu peito.

Quando um dia recebeu uma crítica, na hora classificada de ácida, entristeceu-se e pensou em não mais escrever. Os elogios e as críticas não mais interessavam...

Tempos depois, abrindo algumas correspondências, deparou-se com uma declaração comovente: uma criatura afirmava que uma das coisas que tinha escrito teria salvo sua vida!

Imediatamente, voltou a escrever. Sentia-se agora cheio de vida, pois os amigos mostravam o agradável da cortesia; os críticos indicavam as correções a fazer, sempre havendo a possibilidade de ser útil... E isso o enchia de uma agradável alegria! Isso acrescentava muito mais valor à sua vida!...

A vaidade que nos faz acreditar que sejamos melhores que os outros é o precipício de nossa queda futura.

74- NÃO ESTEJA TRISTE

Nem sempre se pode controlar o surpreendente das emoções, mas sempre podemos dirigir-lhe o curso.

A tristeza é uma sensação desagradável; apesar disso, parece ter quem goste desse estado. Seja por saudade, autocomiseração ou carência afetiva, fato é que muitas vezes nos demoramos nesse estado mais do que deveríamos (se é que devêssemos sequer nele ter chegado alguma vez).

Uma das grandes dificuldades da tristeza é que queremos sair dela, quando deveríamos nos esforçar por tirá-la de dentro de nós. Não se trata de esquecer ou esconder suas causas, mas superá-las. A substituição de uma peça danificada por uma nova reconstitui o veículo ou a máquina; a permuta da tristeza por idéias ou ações positivas retempera o Espírito.

Não esteja triste! Não permita que seus dias se contaminem! Reaja! Você pode, basta querer e buscar! Acredite em você mesmo! Acredite-se! Você é real, enquanto a tristeza, ou mesmo a causa dela, será sempre passageira, por mais dolorosa que seja. Creia: você vale mais que essa angústia. Supere-se, pois...

A única tristeza permitida é a da saudade. Mas como só temos saudade de quem queremos bem, deixemos o bem querer ocupar o lugar da tristeza.

75- PRÊMIO DE LOTERIA

Contumaz jogador na loteria ganhou elevado prêmio. No intuito de ajudar as pessoas, deu dinheiro para muitas criaturas que o buscaram, sem sequer avaliar a real necessidade de cada uma. Dessa forma, logo consumiu todo o prêmio.

Depois de certo tempo, viu que os ajudados simplesmente queimaram tudo e nada havia sido construído.

Continuou jogando até que voltou a ganhar outro grande prêmio.

Aplicou-o melhor: fundou uma creche e reformou o hospital local.

Hoje, pelo menos, na rua onde mora, nenhuma criança morre de fome, fica abandonada ou deixa de estudar; nenhum idoso ou indigente morre por falta de assistência médica... Agora, os ajudados são reconhecidos e colaboram na manutenção desses grandes empreendimentos.

Se tens, doe, mas nunca te limites a isso: doa-te também. Até porque isto podemos fazer sempre, mesmo quando acreditamos nada possuir.

76- O GRANDE HOMEM

Já estava nos bancos da Universidade quando me deparei com uma situação intrigante: o professor queria que elegêssemos um grande homem para uma dissertação. Antes, porém, insinuou umas “dicas”, mencionando Einstein, Plank, Sócrates e Aristóteles. Enquanto a turma seguiu a dica, saí da linha: elegi Jesus.

Na avaliação, o professor, com gracejo, disse que um aluno não havia entendido a proposta e dissertara sobre religião.

Confesso que jamais imaginei ser eu, pois apesar de ver Jesus como o maior exemplo de religiosidade a ser seguido por toda a humanidade, tinha escrito apontando-o como um grande homem de sua época, abstração feita a aspectos religiosos.

A turma sorriu. Quem seria o “religioso” da classe?!

Descoberto, comentei, de passagem:

— Se um Homem que definiu o absoluto do amor (amar a Deus sobre todas as coisas) ensinando-o pelo valor de sua relatividade (amar ao próximo como nos amamos a nós mesmos), se um Homem que explicitou toda a física e toda química do Universo numa singular afirmativa (nenhuma folha cai sem o consentimento do meu Pai), se um Homem que regeu a mais melodiosa e filosófica canção universal (as bem-aventuranças) não for digno de ser considerado como um grande homem como pediu o professor — e os professores sempre têm razão —, é porque Ele não é apenas um grande homem: na realidade ele é O Grande Homem; é tão grande que ainda não é percebido...

Não se envergonhe de sua religião, do contrário, ou ela não é tão boa ou você não a assimilou ainda.

77- REGRAS BÁSICAS

Concordo com você: por vezes, o mundo parece ser chato, ruim, desagradável, até mesmo nosso perseguidor. Nessas horas e nesses dias, dá vontade de mandar tudo às favas... Mas há dias em que as coisas parecem estar do nosso lado: tudo é bom, bonito, agradável e dá certo.

Se pararmos para uma rápida reflexão, perceberemos que os dias são idênticos e até neutros; nossa relação com as ocorrências é que é responsável por nossos sentidos e sentimentos.

Se hoje é seu dia desagradável, descubra a causa. É fácil, basta ver o que está dando errado ou o que está batendo e rebatendo em sua cabeça.

Feito isso, observe como sua reação lhe tem feito mal. Não é verdade? E então, não é melhor deixar essa situação ruim pra lá? Portanto, aja! Sua ação positiva muito contribuirá para a superação.

E se hoje estiver tudo bem, com tudo dando certo, não tenha medo da alegria nem da felicidade. Só lembre que a alegria verdadeira e a felicidade maior só podem existir quando com elas não afetamos negativamente a alegria ou a felicidade dos outros. Se isto ocorrer, ainda teremos o que revisar para descobrir o que pode ser melhorado. Só não deixe de ser feliz por medo de estar triste amanhã.

Se para ser feliz é preciso ter coragem, tenha-a. Creia-me: vale a pena!

78- QUESTÃO DE ÉTICA

Ele não tinha boa letra nem gostava de escrever à mão. Comprou uma máquina de escrever e passou a cultivar amigos por correspondência.

Um dia, um dos correspondentes ponderou que não era de boa ética escrever a amigos à máquina.

Entristecido, foi reduzindo suas cartas, pois não era tão hábil na escrita e a qualidade de sua letra afastou alguns pontuais correspondentes.

Quando já se sentia solitário e sem correspondentes, percebeu ter valorizado mais a opinião de um que a alegria de muitos, inclusive de si mesmo.

Voltou a escrever à máquina e seu verbo expresso demonstrou que mais vale um coração cheio de boas intenções que uma questão de ética inibidora da alegria e da confraternização.

As regras da etiqueta são boas, desde que não sirvam para discriminar.

79- SER DIFERENTE

Acabara de falar com um companheiro de ideal, daqueles que conseguem passar anônimos, apesar da larga folha de serviços, daquelas que poucas pessoas têm igual. Comentava com ele acerca do pequeno número de pessoas que se prestam a ajudar os outros, ao que ele me disse:

— *Morenno, sou muito egoísta! Sabe que acho até bom haver poucas pessoas esforçadas e interessadas em entender e ajudar as pessoas?*

— *Por quê?*

— *Porque assim consigo fazer alguma coisa. Já pensou se todos fossem muito ativos, não sobraria espaço para que eu fizesse nada...*

Tudo isso foi dito com muita honestidade e na maior humildade possível.

E assim ele continua ajudando muitos, sem perder tempo em preocupar-se sobre quem não deseja fazer sua parte...

Não adianta nos fixarmos no mal ou na incompreensão dos que nos rotulam, pois a eles caberá a tarefa de nos desrotular amanhã.

80- GANGORRA

Em criança, costumava brincar de gangorra. Como cresci mais rápido que meus coleguinhas, logo senti o peso do meu peso. Por vezes, dois eram necessários para contrapeso. Isso me deu uma impressão equivocada de que sozinho poderia vencer o conjunto.

Foi lamentável. Acreditando-me o maior de todos, desafiei os menores. Com sacrifício, conseguiram erguer-me na gangorra. Sentindo-me, ainda assim, por cima da situação, fui à queda, quando os dois, combinados, saltaram da posição em que se encontravam.

Aprendi, na prática, o valor do companheirismo. Não sem antes machucar-me.

Definitivamente, a vida não é uma gangorra, mas é preciso muito equilíbrio e companheirismo para dela extrair-se o melhor sem provocar ferimentos.

81- MUDAR PARA PIOR

Por mais que fizesse, ninguém parecia notar seu esforço no bem. A resposta às suas boas ações pareciam sempre apontar para o lado contrário.

Naquele dia, resolvera não mais agir bondosamente.

Quando um colega o cumprimentou, foi ríspido e frio. Ao que o colega resmungou:

— *E eu que pensava que você fosse uma pessoa diferente, uma pessoa de bem, uma pessoa boa... Agora não acredito na bondade de mais ninguém porque até você é assim...*

Tão rápido quanto ríspido fora, pediu mil desculpas e viu não valer a pena mudar para pior.

A responsabilidade de nossos erros é maior quando afeta os outros, principalmente no comportamento.

82- CAMPO DE TRABALHO

Dois homens viveram intensamente, sendo cada um de uma maneira diferente. Um viveu para pregar a palavra do Céu; o outro, para ganhar os bens da Terra. Ambos morreram jovens: um muito magro, por desidratação; o outro muito gordo, por desgastes orgânicos generalizados. Os dois esperavam um bom lugar após a morte, o que não conseguiram. Enquanto um se preocupou em ensinar onde fica o Céu, esqueceu-se de duas coisas: de que é na Terra que se inicia a estrada para lá e de que, descoberta, precisa ser caminhada e não apenas apontada. O outro, que só cuidou de trabalhar e ganhar dinheiro, esqueceu-se de outras duas coisas: de que os bens da Terra são úteis para favorecer o plantio das boas coisas e de que, plantadas, só então se aguardará uma boa colheita.

Não chegaram a ganhar o Céu, mas outra oportunidade lhes foi dada, de sorte que reiniciaram o aprendizado, numa nova experiência: um tem por igreja o coração e o outro tem por dinheiro um infértil campo a ser trabalhado. Assim, um conhecerá o outro. O primeiro ensinará ao segundo a necessidade de buscar o Céu enquanto o outro o convidará a trabalhar para a sustentação do espírito enquanto na Terra...

Oportunidade feliz é a realizada no tempo, no lugar e da forma correta. Fora disso, quase sempre é oportunidade perdida.

83- SALVAR VIDAS

Eufórico, comentava com um amigo acerca de um trabalho sobre prevenção ao suicídio que eu estava concluindo. Eis parte do “papo”:

— *Que bacana! Assim estarás salvando pelo menos uma vida, não é mesmo?! E se conseguires isso ficarás satisfeito, não é mesmo?!*

— *Não, não é só isso...*

— *Então, é o que mais?!*

— *Salvar uma vida é muito importante, é importantíssimo, mas quem foi que disse que só quero salvar uma vida?!!!*

Quando pensamos no bem devemos sempre pensar grande.

84- VENCENDO O COMODISMO

Era um grupo unido. O companheirismo vigorava acima de tudo. As virtudes e os defeitos dos membros equivaliam-se. Acontece que um dos participantes resolveu aprofundar seus conhecimentos numa outra área e terminou por destacar-se além dos demais. Em vez de o grupo congratular-se com isso, o clima tornou-se tenso. Chegou-se até a pensar em afastá-lo do grupo.

Sentindo o que se passava, ele resolveu enfrentar o assunto sem meias conversas:

— *Amigos, confesso que estou surpreso com a reação de vocês! Será que é pecado estudar e crescer?! Por que será que vocês estão tão amargos comigo? Primeiro tentei incentivá-los a estudarmos juntos e qual não foi minha surpresa quando vocês apenas deram sorrisos por resposta; depois, convidei-os à solenidade de conclusão, nenhum compareceu; quando viajei, enviei cópia de um trabalho que fiz, ninguém acusou o recebimento; retornei ao nosso convívio, ninguém expressou contentamento por meu retorno; procuro fazer colocações e sugestões como sempre o fiz e parece que ninguém mais me ouve... Sinto que vocês querem que eu saia do grupo. Mas será que querem isso mesmo? Será que vocês já pensaram no que de fato está acontecendo? Estarão vocês magoados comigo ou com vocês mesmos?! Se consegui superar uma etapa, isso é bom para o grupo, pois tanto posso passar parte dos novos conhecimentos adquiridos como posso orientá-los sobre como fazer o mesmo que fiz. E isso sem tantas dificuldades para vocês, já que ensinarei o caminho das pedras...*

Depois de algum silêncio, ele concluiu:

— *Vou sair por hoje e amanhã volto para saber a resposta...*

No dia seguinte, com os companheiros ainda um pouco tímidos, abraçaram-se e fizeram as pazes. A coragem daquele os fez entenderem que, para crescer, é preciso esforço e não ficar preso aos limites já transpostos.

Ser sábio não é ser estático; é assimilar e transmitir o que há de melhor e melhorar tudo o que não for excelente.

85- DAR O QUE TEM

Contando com a fartura dos celeiros após uma boa colheita, resolvera jogar milhos em abundância para as galinhas e triturar muitos grãos, espalhando-os na campina a fim de que os pássaros da região também se alimentassem...

Um homem que passava por ali, vendo aquilo parou e, em tom severo, comentou:

— *Como é que o senhor está gastando sacas de milho para alimentar galinhas e pássaros quando na cidade onde moro há tanta gente morrendo de fome?...*

Sorrindo ao transeunte, perguntou:

— *E onde o senhor mora?*

— *Moro a 4,5 léguas de distância.*

— *Se o senhor quiser posso dar-lhe uma saca de milho para o senhor levar aos seus conterrâneos...*

— *Muito obrigado! Não vê que estou a pé?!*

— *É uma pena, pois também não tenho carro nem carroça...*

Aborrecido, aquele passante seguiu caminho, enquanto o outro continuou sua tarefa de alimentar “suas” aves.

Mais tarde, quando regressava para casa, aquele transeunte critica em voz alta:

— *Será que o senhor não entendeu o que falamos ainda há pouco?*

— *Entendi sim, meu amigo, mas não posso fazer nada, pois se me ausentar daqui não terei quem tome conta de minhas plantações e crias e se simplesmente guardar o milho, os grãos apodrecerão e as aves morrerão de fome... Por que o senhor não leva um pouco de milho agora?!*

— *Será que o senhor não está vendo que estou cheio de pacotes?!*

— *Ainda que mal lhe pergunte, o que o senhor leva nesses pacotes?!*

— *Ora bolas!!! É ração para meu cachorro de estimação!...*

Amemos os animais, as plantas, as pedras, mas amemo-nos uns aos outros se quisermos ser felizes, hoje e sempre!

86- NECESSIDADE DE SEGUIR A RECEITA

Aquela senhora acabara de inscrever-se num tratamento espiritual. Dizia para todos que faria qualquer coisa para ficar boa, até freqüentar “*essas coisas*”...

— *Para voltar a respirar melhor, farei este sacrifício; virei ao tratamento e ouvirei as recomendações das “almas”* - foi o que teria dito em casa antes de sair para a primeira entrevista.

Quando, ao final do atendimento, recebeu o resultado da consulta, indignou-se. Lia-se ali, laconicamente:

— *Acorde mais cedo; caminhe ao ar livre e pare imediatamente de fumar!*

Sua postura foi lamentável:

— *Pensei que isso aqui era coisa séria. Afinal, vim para cá apenas buscar cura para um pouco de mal-estar que sinto e não para receber reprimenda sobre as coisas de que mais gosto de “curtir” na vida...*

Pena que, duas semanas depois, um já avançado enfizema pulmonar provocou-lhe violenta crise de tosse, seguida de incontroláveis hemoptises, vindo a desencarnar em seguida. Não teve nem muito tempo para “aproveitar” o que tanto era de seu agrado...

Sentir-se bem e estar bem são situações distintas. Na vida devemos aprender a nos sentirmos bem, estando bem e fazendo bem o bem.

87- PASSEIO PLANETÁRIO

Não sabia bem porque, mas naquele dia triste elegi meu professor de geografia para meu ouvidor, quando o mais comum seria buscar a coordenadora psicológica.

Chamando-o a um canto, segredei-lhe:

— *Professor, minha vida anda muito monótona... Nunca viajo, nunca participo de passeios interessantes...*

Sua resposta confundiu-me:

— *Ainda bem que você está fora da sala de aula, do contrário dar-lhe-ia uma péssima nota!*

— *Como assim?! —* perguntei espantado.

— *A cada dia fazemos uma viagem inteira em torno do eixo da Terra e, a cada 365 dias, participamos de um “tour” completo ao redor do Sol. Como é que você me vem falar de monotonia e falta de viagens? O melhor que você faz é prestar mais atenção à vida e aproveitar os velozes passeios que este bólido em que nos encontramos proporciona...*

Viaja quem passeia, mas só viaja bem quem, além do passeio, aprende.

88- SE É BOM PARA NÓS...

Interessante e cômico a um só tempo...

Quando crianças e jovens, reclamávamos muito da dureza de nossos pais para conosco, mas hoje reconhecemos que muito de nossa fibra e de nossa polidez é a eles (e a seus métodos) que devemos.

Interessante e cômico é que, mesmo reconhecendo os grandes benefícios daquela dureza, hoje somos tão molengas com nossos filhos...

E nos lastimamos por eles não puxarem a nós...

Rigor, repreensão e castigo são, quando necessários, os passos seguintes ao diálogo. Pelo menos se se quiser obter disciplina, conduta reta e bons valores nas atitudes de nossos filhos amanhã.

89- A FORÇA DE CURA

A morte iminente fustigava-lhe a alma.

Não queria morrer. Sentia-se jovem e com muitos compromissos por resolver...

Apesar disso, a equipe médica que o assistia até então, resolvera chamar a família e “entregar os pontos”. Agora era apenas uma questão de poucos dias, menos de um mês...

Sentido o clima, afligiu-se. Aflito, buscou ajuda num livro sempre esquecido: o Evangelho. Abrindo-o ao acaso, deparou-se com uma mensagem direta: “*Reconciliai-vos com o vosso inimigo enquanto estais a caminho...*”

Naquela hora, a imagem inquietante de antigo desafeto veio-lhe à tela mental. Ato contínuo, o coração disparou e as dores do corpo aumentaram instantaneamente.

Relutava por não querer a mensagem, mas o corpo parecia gritar:

— *Este ódio é a causa de sua morte...*

Embora vacilante, convidou o inimigo e, decidido, pediu-lhe perdão, embora achasse que a culpa nem fosse dele.

Anos depois, sorria feliz:

— *Que sorte eu tive; enganei a morte e os médicos!!!*

Melhor horóscopo não há que o Evangelho ao despertar de cada dia.

90- EM FRANGALHOS

Acompanhado de um colega, já estava chegando ao templo onde iria proferir uma palestra sobre o valor moral da vida, quando uma moto desgovernada alcança-o na calçada, derrubando-o violentamente.

Depois de levantar-se, ajudou o motoqueiro a refazer-se. Aliviando-lhe de qualquer culpa, ajudou-o a montar na moto, antes recomendando-lhe mais atenção e experiência.

Convidando o colega ao trabalho que o aguardava, este lhe disse:

— *Mas, olhe seu estado! Você tem vários arranhões e sua roupa está malbaratada...*

— *Isto não tem importância, pois tenho um sério compromisso...*

— *Só que você está com a roupa em frangalhos...*

— *Mais importante que isso é agilizar providências para ajudar almas esfrangalhadas...*

E é isso que estamos indo fazer agora!

De pouco vale a roupa do corpo quando a alma está repleta de bondade.

91- SER FELIZ

Tinha a face constantemente fechada e movimentava-se sempre com muita agilidade. Não tinha tempo para conversas nem dava muita atenção às pessoas. Em sua cabeça, apenas uma idéia: ser feliz depois que morresse.

Se adoecia, encobria as doenças e quando já não tinha nada para fazer e o cansaço batia-lhe à porta, simplesmente dormia, já pensando em acordar para continuar construindo sua felicidade futura. Não ouvia músicas, não assistia à televisão, não sorria e quase não orava. Tudo isso para ser feliz após a morte.

Tendo morrido, no lugar da felicidade foi a tristeza quem o abraçou.

Depois de muito vagar e perguntar por que aquilo lhe aconteceu, alguém segredou:

— *Para chegar-se à alegria e à felicidade no Céu é preciso cultivar essas virtudes na Terra...*

Tudo que esperamos encontrar no Céu deverá ter sido plantado aqui na Terra.

92- OS DEGRAUS

Participava de uma reunião de avaliação, quando alguém reclamava muito das decepções sofridas. Depois de muita conversa, uma amiga disse, antes se desculpando pela franqueza:

— *Acredito que você se sente assim porque não prestou atenção na escada enquanto subia...*

— *Como assim?!*

— *Nossa posição na vida está de acordo com o que fazemos. É como a subida de uma escada...*

— *Continuo sem entender...*

— *É que você perdeu a posição de mando e agora quer desconhecer as pessoas e a realidade que a cerca. Olhe, amiga, só se assusta com os batentes aquele que subiu a escada sem reparar os degraus...*

Só vence na vida quem vence a si mesmo.

93- VER SEM VER

Estava assistindo ao Roberto Carlos numa boa televisão e comentei com um amigo ao lado:

— *É bom ouvir Roberto Carlos! Melhor ainda é vê-lo!*

— *Concordo* — retrucou meu amigo. *Também adorei ver os Estados Unidos e a França!*

— *E quando foi que você viajou para esses países?!*

— *Não, eu não fui lá... Apenas passei por esses países num filme a que assisti...*

— *Ah!* — disse eu meio sem graça — *Assim não vale...*

— *E como é que Roberto Carlos vale?!*

Valor tem ao que valor atribuímos.

94- CONQUISTA

— *Por que é que você, tão pobre, consegue a simpatia de tanta gente e não vejo você dar nada de valor a ninguém? Eu dou muitas esmolas e gorjetas a muita gente e não sinto honestidade nos sorrisos que recebo...*

— *É que cada um só dá o que tem. Como não tenho dinheiro, dou sorrisos, digo obrigado e cumprimento todas as pessoas na rua com a melhor simpatia que posso transmitir. Quem sabe é porque essas pessoas gostam muito dessas coisas sem valor...*

Valor tem as coisas que fazemos com sinceridade, honestidade e amor.

95- SORRISO INESQUECÍVEL

Aquele sorriso foi inesquecível!

Não era a cor dos olhos, não foi a covinha no rosto, não eram os lábios rosados nem mesmo a pele macia. Foi o sorriso mesmo!

Não era uma mulher formosa, nem tampouco um homem bonito; apenas uma criança que, parecendo adivinhar o dia sombrio que eu estava vivendo, sorria, livre e solta, ofertando-me a oportunidade de refazer um dia quase desastroso.

Uma dúvida, porém, restou: será que aquela criança, que sem perceber adivinhou minha necessidade de sua felicidade, ao menos desconfiou do enorme bem que me fez?!!!

O bem é tão bom que não precisamos nem mesmo nos dar conta do bem que ele gera nos outros.

96- TINHA UMA AMIGA

Eu tinha uma grande amiga...

Mas no dia que precisei de sua aquiescência para livrar-me de um erro cometido, onde outra pessoa iria responder em meu lugar, ela não concordou e ainda criticou meu comportamento.

Enquanto pagava pelo meu erro, culpava-a por tudo que me ocorria, tanto que não quis sequer aceitar sua visita.

A duras penas, tive que aprender a não mais errar...

Porém, no dia em que alguém me livrou de uma acusação indevida foi que redescobri...

Eu tinha uma grande amiga...

Amigo é o que nos ajuda, nos apóia e torce por nós. Nem por isso deve ser conivente com nossos erros.

97- EDUCAÇÃO MAL VESTIDA

Sem maiores preocupações com o vestir, o médico conversava descontraído com o enfermeiro e o motorista da ambulância, quando uma senhora elegante chega e, de forma ríspida, pergunta:

— *Vocês sabem onde está o médico do hospital?*

Com tranqüilidade o médico respondeu:

— *Boa tarde senhora! Em que posso ser útil?!*

Ríspida, redargüiu:

— *Será que o senhor é surdo? Não ouviu que estou procurando pelo médico?*

Mantendo-se calmo, contestou:

— *Boa tarde senhora! O médico sou eu. Em que posso ajudá-la?!*

— *Como?! O senhor?! Com essa roupa?!...*

— *Ah! Senhora! Desculpe-me! Pensei que a senhora estivesse procurando um médico e não uma vestimenta...*

— *Oh! Desculpe doutor! Boa tarde! É que... vestido assim, o senhor nem parece um médico...*

— *Veja bem as coisas como são — disse o médico: as vestes parecem não dizer muitas coisas, pois quando a vi chegar, tão bem vestida, pensei que a senhora fosse sorrir educadamente para todos e depois daria um “boa tarde!” Como se vê, as roupas nem sempre dizem muito...*

Um dos mais belos trajes da alma é a educação.

98- APLAUSOS

Finda a apresentação, os aplausos foram efusivos.

Recolhido ao camarote, o artista exultava de alegria. Os aplausos sinalizavam que ele tinha se saído muito bem. Sentia-se em ventura.

No dia seguinte, convidado ao ensaio, disse estar cansado e que, a rigor, não precisava ensaiar tanto, pois os aplausos de ontem tinham sido consagradores.

O diretor, em tom calmo, advertiu-o:

— *Você está muito enganado. Os aplausos de ontem não foram para você. Quem aplaudiu, aplaudiu para si mesmo.*

— *Como assim? O artista não era eu?*

— *Sim, o artista era você, mas os aplausos só saíram porque as pessoas se sentiram felizes com o que viram e ouviram e foi por isso que aplaudiram. A rigor, aplaudiram suas próprias alegrias. Por isso, nada de vaidade com os aplausos. Eles apenas disseram que você desempenhou bem seu papel. E, para que isso continue, você precisará continuar treinando, ensaiando enfim...*

Quem se enche de vaidade se esquece dos valores primordiais da vida.

99- DEUS LHE PAGUE

Um amigo muito espirituoso costuma ser muito útil aos que o procuram.

Desprendido, tem por hábito dispensar pagamentos por serviços prestados com a maior dedicação.

Apenas se retrai quando alguém, querendo agradecer, diz-lhe:

— *Deus lhe pague!*

Imediatamente reage:

— *Por favor, vamos deixar como está! Tenho muitos débitos para com esse Senhor. Se eu aceitar esta sua sugestão, pode ser que Ele me venha chamar para um acerto de contas e sei que sairei perdendo...*

Na verdade, a frase dita em tom jocoso tenta esconder a simplicidade de um coração generoso, que em troca de um benefício não quer nada além da satisfação do beneficiado.

Ganhar é uma conseqüência do trabalho árduo e perseverante; retribuir é saber reconhecer e valorizar o que se ganha.

100- APRENDENDO A AMAR

Amava-o muito, mas não queria vê-lo; tinha medo de “alma”.

Quando desencarnou, como teimasse em não achar que tinha morrido, continuou correndo dele, pelo mesmo motivo.

E assim o “amor eterno” luta para poder aprender a “amar na eternidade”; e sofre muito enquanto não aprende que, como o amor verdadeiro, a vida continua.

Acreditar que a vida continua não é questão de crença; é reconhecer a sabedoria e a bondade de Deus.